



Planeamento em Bissau



Plano de Urbanização para Quetelê

Pedro Sangreman Proença
Nº 7350
Urbanismo 5º ano T.P.5
Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias

*Á Fatinha e ao Carlos
que me inculiram o bichinho de África...*

Introdução

O trabalho aqui apresentado tem como objectivo elaborar um estudo sobre um bairro de um país africano e, conseqüentemente realizar um projecto sob a forma de plano para essa mesma área.

O país em causa é a Guiné-Bissau e o bairro escolhido foi o de Quelélé, um bairro dentro do perímetro da grande Bissau com uma evolução típica de bairro suburbano, com todas as vantagens e desvantagens que daí advêm.

Esta escolha não foi aleatória, muito pelo contrário, fazer um plano para um bairro de Bissau sempre foi um desejo meu desde que comecei a sentir o que é o Urbanismo. Mais importante do que isso será sem dúvida a relação e o sentimento que tenho para com muitas pessoas daquele país. Tive a oportunidade de conhecer um pouco do que é a Guiné-Bissau numa primeira fase quando vivi por um período de ano e meio em Bissau durante os anos de 90 e 91, e durante os últimos anos nas viagens que espaçadamente me são possibilitadas.

Infelizmente no decorrer dos anos 97 e 98 a Guiné-Bissau viu-se a braços com uma guerra interna que mergulhou o país outra vez nos limites de pobreza e sobrevivência. Os motivos não são alvo de minha preocupação para este trabalho, mas sim o estado em que ficou o país tanto a nível humano como a nível de infraestruturas. É assim que nasce o Plano de Urbanização para o Bairro do Quelélé. Este bairro encontrava-se na linha da frente durante a guerra e foi, infelizmente bastante massacrado. Podia ter escolhido outro dos tantos bairros que sofreram com a guerra, mas é com este bairro que tenho uma relação especial. Foi-me dada a oportunidade de lá passar muitas horas a viver e a confraternizar com muitas pessoas que hoje vivem horas particularmente difíceis.

É a essas pessoas que dedico este trabalho.





Fig 1 - Mapa da Guiné-Bissau; Fonte: net, site Guiné-Bissau

Guiné-Bissau - Breve Enquadramento Geral

A Guiné-Bissau faz parte do conjunto dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) com características geográficas e sociais muito específicas.

Este país situa-se na costa Ocidental do continente Africano, limitado a Sul e Oeste pelo Oceano Atlântico, a Este e a Sudoeste pela Guiné-Conakry e a Norte pelo Senegal.

A Guiné é constituída pelo território continental, e pelo arquipélago dos Bijagós (40 ilhas).

Ocupa uma superfície de 36.125 Km², caracterizada por um relevo que não é uniforme ao longo de todo o território.

Isto é, ao longo da região costeira encontramos planícies pantanosas com largas aberturas estuariais, seguindo-se um cordão de ilhas contíguo, que contrastam com um interior caracterizado pelos planaltos de Bafatá e Gabú, e pelas colinas da Região do Boé, onde se chegam a registar altitudes na ordem dos 300 metros.

Com um clima do tipo tropical / húmido, na Guiné distinguem-se duas estações anuais:

- a estação das chuvas (de Junho a Novembro)
- a estação de seca (Dezembro a Maio).

Com temperaturas que variam entre os 15 e os 40 graus, é frequente o mês de Abril ser o mais quente e Janeiro o que atinge temperaturas mais baixas.

Um ponto importante a ter em conta é o facto de o valor médio anual da humidade neste país ser de 67%, chegando na estação das chuvas a atingir valores próximos do grau de saturação.



A população da Guiné-Bissau está estimada em 1.234.555 habitantes (Banco Mundial 1999), sendo caracterizada por uma grande variedade de etnias, das quais as etnias Papel, Fulas e Mandingas, são as de maior importância numérica.

Toda a população distribui-se de forma irregular pelo território, sendo o litoral a zona do país mais densificada.

Apesar de um sem número de características pessoais diferentes de etnia para etnia, tende-se cada vez mais e com especial relevância entre as camadas jovens urbanas a formar-se uma identidade nacional Guineense que provavelmente sobrepor-se-á às próprias etnias.

Apesar da língua oficial ser a portuguesa, apenas 11% a utiliza, sendo o “crioulo”, língua inter-étnica, a mais utilizada.

Das línguas étnicas, as maioritárias são de raiz árabe.

Existem ainda outros dialectos mais específicos, próprios a cada etnia mas que são minoritários.

A religião tem uma importância vital na população da Guiné.

Devido à sua variedade socio-cultural, a população distribui-se pelas religiões muçulmana, animista e católica, com especial realce para a animista, onde todas as “coisas” têm um espírito ou “Irã”, tendo inevitavelmente consequências na maneira de se relacionar com o espaço.

Torna-se imperativo fazer um estudo aprofundado das características de cada uma das etnias relativamente à sua maneira de estar, às suas vivências. Dos estudos existentes das características das várias etnias, conhece-se apenas um “Arquitetura Tradicional da Guiné-Bissau”

- Blazewicz, Lun, Schonning (Estocolmo, 1981) que se debruça sobre relação que estes têm com o espaço.

Qualquer futuro plano tem que necessariamente passar por este tipo de análise.



Via de acesso ao mercado, venda de rua



Alguns Factos...

Área:

- Total: 36.120 Km
- Terrestre: 28.000 Km
- Água: 8.120 Km

Linhas de Fronteira:

- Total: 724 Km
- Países Fronteiriços:
 - Guiné-Conakry a 386 Km, Senegal a 338 Km

Coordenadas Geográficas:

12 00 N, 15 00 W

Linha Costeira:

350 Km

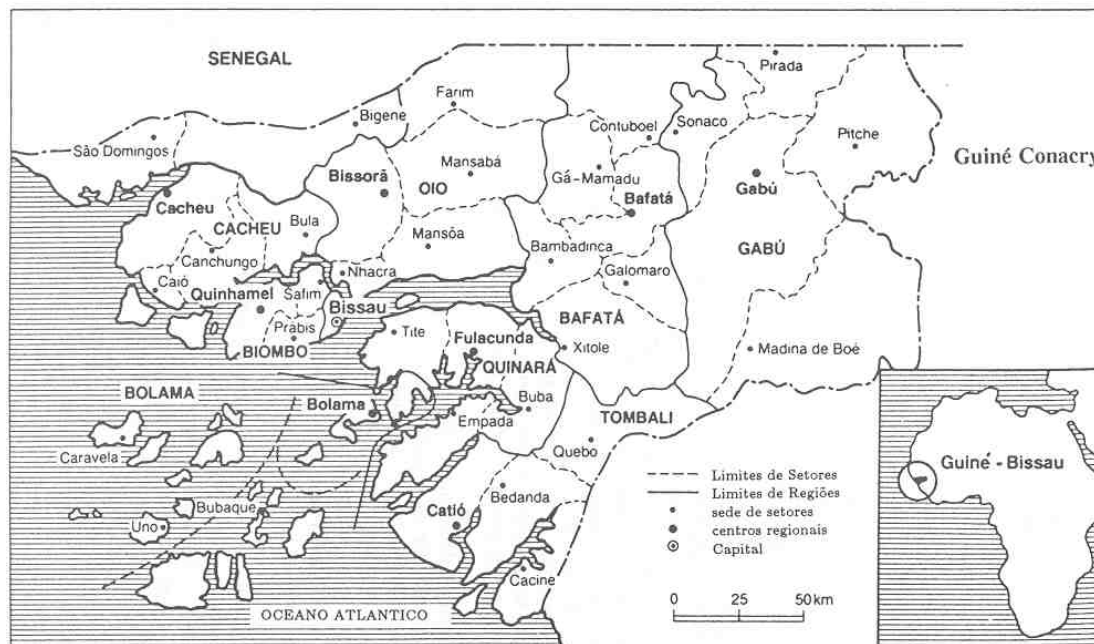


Fig. 2 - Mapa administrativo da Guiné-Bissau - "Planeamento Urbano, Habitação e Autoconstrução" - Acioly Jr.- 1993

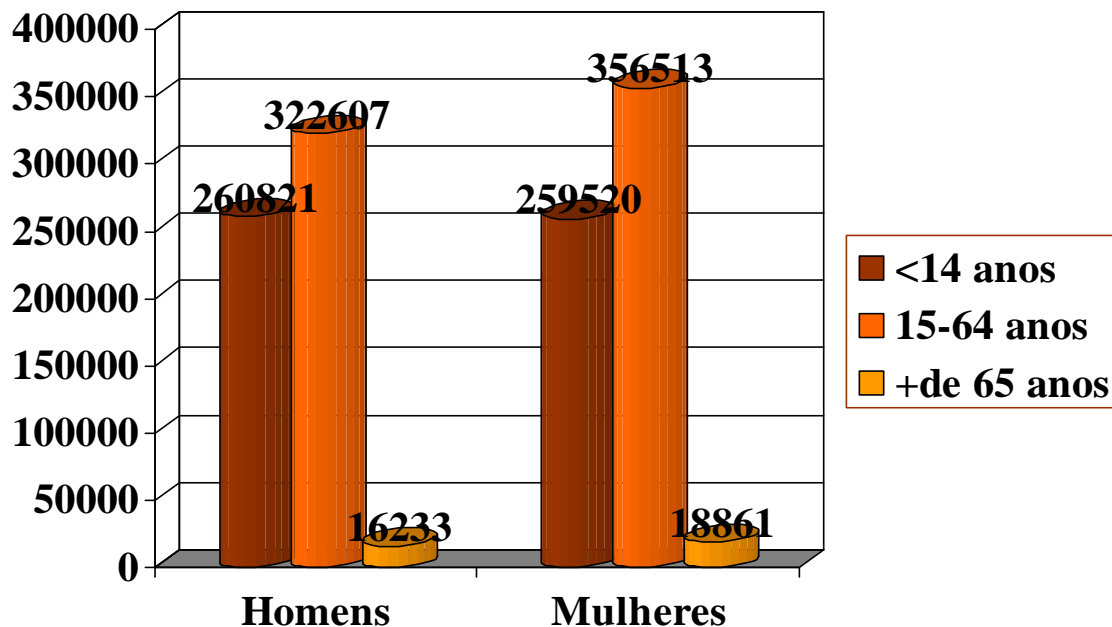


População

- ⇒ Total: 1.234.555 (Julho 1999)
- ⇒ até 14 Anos: 42% (homens – 260.821, mulheres – 259.520)
- ⇒ 15 – 64 Anos: 55% (homens – 322.607, mulheres – 356.513)
- ⇒ mais 65 Anos: 3% (homens – 16.233, mulheres – 18.861)



Fonte: net, “ Danças Típicas “



- ⇒ Urbana (% do Total): 22.5 %
- ⇒ Tx. de Crescimento Médio Anual (1975-97): 2.7 %
- ⇒ Esperança de Vida à Nascimento: 49 anos

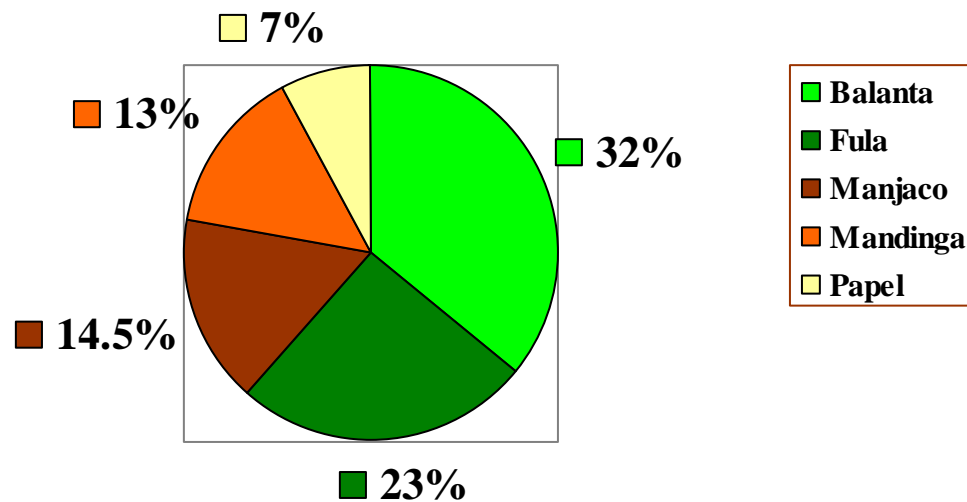


Etnias

A Guiné é um país de múltiplas etnias. Existem 14 etnias principais ao longo de toda a região (das 32 recenseadas), tendo todas elas características diferentes.

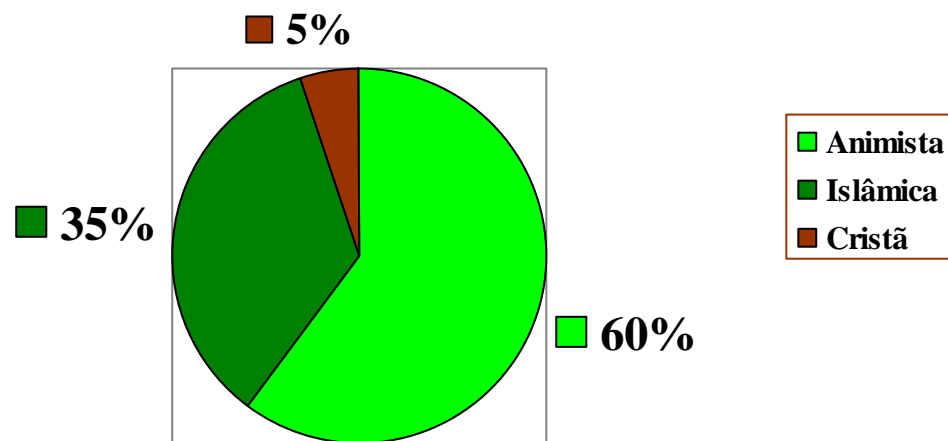
Destas, as mais importantes são:

- Balanta 32 %
- Fula: 23 %
- Manjaco: 14.5 %
- Mandinga: 13 %
- Papel: 7 %



Religião

- Animista: 60 %
- Islâmica: 35 %
- Cristã: 5 %

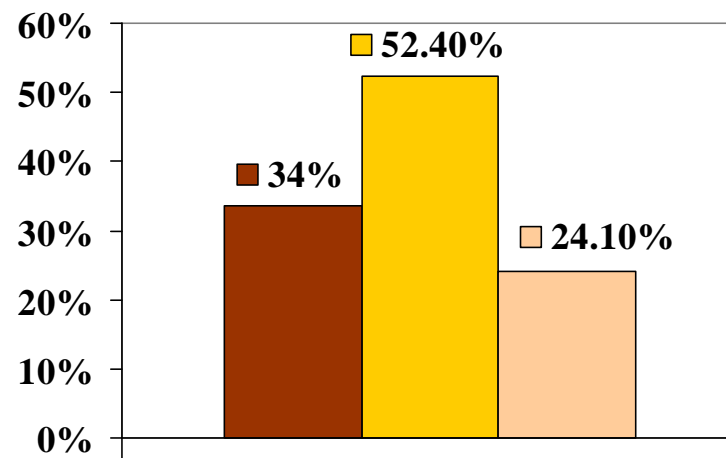


Educação

- ➔ Tx. de Analfabetização (Adultos): 33.6 %
- ➔ Tx. de Escolaridade Líquida (Primário): 52.3 %
- ➔ Tx. de Escolaridade Líquida (Secundário): 24.1 %



Escolinha Popular no Bairro do Quelélé



■ Tx Analfab. ■ Tx Escol. Primária ■ Tx Escol. Sec.

Saúde

- ➔ Esperança de Vida à Nascimento: 49 anos
- ➔ Tx. de Mortalidade Infantil (por 1.000 nados vivos): 110%
- ➔ Tx. de Mortalidade de Menores de Cinco (por 1.000 nados vivos): 22%
- ➔ Médicos (por 100.000 pessoas): 18
- ➔ Existem 3 hospitais principais, um nacional em Bissau (H. Simão Mendes), um em Canchungo e outro em Bafatá.
- ➔ Além destes existem outros 4 hospitais regionais, 14 sectoriais, 1 hospital psiquiátrico e 1 de combate à lepra.



Água e Saneamento

- População Sem Acesso a Água Potável: 57 %
- População Sem Acesso a Serviços de Saúde: 36 %
- População Sem Acesso a Saneamento: 54 %



Abastecimento de água doado pela UNICEF

Estruturas Viárias:

- Caminhos-de-ferro: 0 Km
- Estradas: Total – 4.400 Km
 - Alcatroadas – 453 Km
 - Terra Batida – 3.947 Km
- Portos: Bissau, Buba, Cacheu, Farim
- Aeroportos: Total – 4
 - Internacional – 1
 - Pistas Alcatroadas – 3

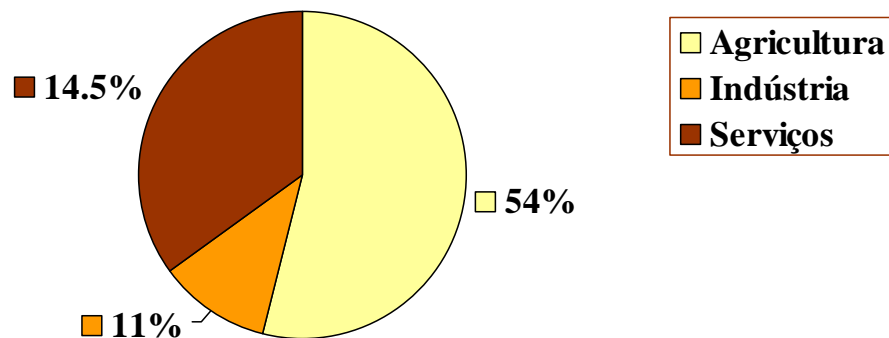


Eixo de acesso a vários bairros periféricos



Actividades Económicas

- Agricultura: 54 % do PIB
- Indústria: 11 % do PIB
- Serviços: 35 % do PIB



De uma maneira geral, a agricultura é a actividade mais importante, onde os principais produtos são o Óleo de Palma, o Cajú (fruto), a Castanha de Cajú, a Mancarra (amendoim) e a Manga. O sector das pescas tem também um papel importante na economia guineense.

Exportações e Importações

- Exportações de Bens e Serviços em % do PIB: 21 %
- Equivalente a 56 mil milhões de dólares EUA
- Importações de Bens e Serviços em % do PIB: 40 %
- Equivalente a 106 mil milhões de dólares EUA

Dívida Externa

em % do PIB: 366.5 %,
Equivalente a 921.3 milhões de dólares (em 1997)

Tx. de Inflacção

em 1996: 48.1 %



CURIOSIDADES

- Linhas Telefónicas Principais por 1.000 Habitantes: 7
- Televisores: - (não é significativo o nº)
- Computadores Pessoais: - (não é significativo o nº)

A Guiné encontra-se em 168º lugar numa lista de 174 países classificados segundo o PNUD.
(ordem segundo o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano).

Todos os dados aqui mencionados referem-se ao ano de 1997 (salvo os que têm outra indicação) e encontram-se no Relatório do Desenvolvimento Humano de 1999 editado pelo PNUD.

É de mencionar que dados como os que se referem à religião e às etnias, foram obtidos através do livro “ *Planejamento Urbano, Habitação e AutoConstrução*” de Claudio C. Acioly Jr. .



Breve Caracterização Histórica

Nos séculos XIII e XIV o povo de etnia Mandiga, maioritário no reino do Mali, invadiu a parte oriental da Guiné-Bissau.

Os grupos étnicos que habitavam essa região desde há muito tempo, entre eles Manjaco, Papel e Brâme, foram obrigados a mudar-se para as regiões costeiras. Entre os séculos XIII e XVII toda a zona onde hoje se integra a Guiné-Bissau passou a ser dirigida por governadores pertencentes à administração do reino do Mali.

Com a desarticulação do reino do Mali surgem estados independentes nas diferentes províncias, sendo o mais importante desses o reino de Gabú. Também nesses estados era a etnia Mandinga o grupo dominante. O reino do Gabú foi arrasado por invasores fulas no final do séc. XIX.

No séc. XV chegaram à Guiné-Bissau, os portugueses, através do navegador Nuno Tristão.

Nos séculos seguintes a Guiné dependia económica, administrativa e politicamente das ilhas de Cabo Verde. Durante este período apenas a zona costeira era tida presença portuguesa, devido às actividades comerciais aí realizadas.

No decorrer dos séculos XVIII e XIX deram entrada na Guiné os primeiros emigrantes Fulas que, devido a terem como actividade principal a pastorícia, estabeleceram boas relações com os Beafadas e com os Mandigas. A migração destes (Fulas) para o interior do país foi de tal maneira expressiva que no início do sec. XIX as outras etnias lançaram sobre estes pesados impostos e sujeitaram-nos a toda a espécie de violência e humilhações.

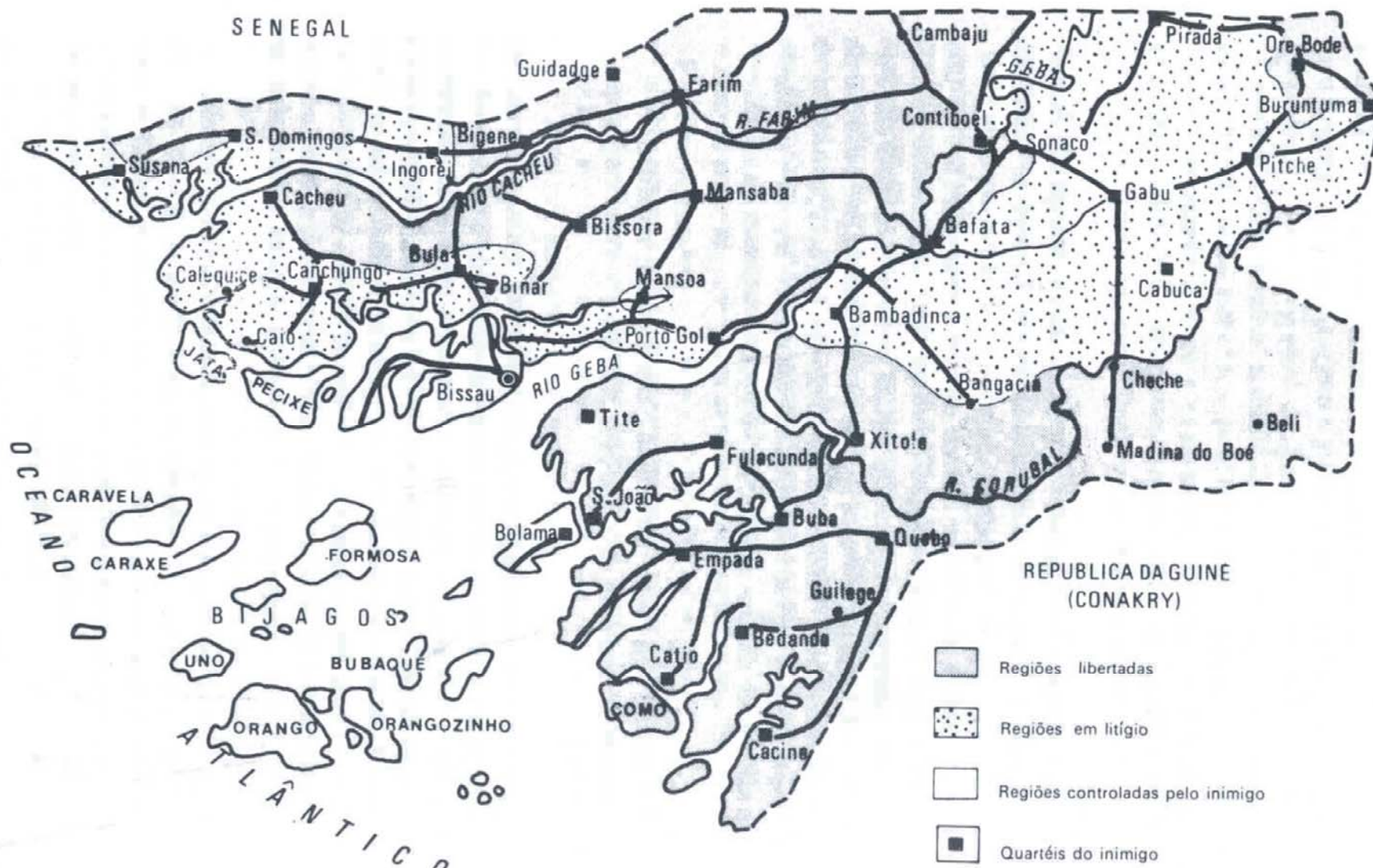
Todo o processo do expansionismo Fula sobre os povos do Litoral teve o seu término nos finais do sec. XIX, aquando da ocupação do Futa Djalon (novo estado baseado na religião Islâmica), pelos franceses e do Gabú e do Forreá pelos portugueses, com os quais até então apenas mantinha relações comerciais.



6. A Guiné Bissau e as Ilhas de Cabo Verde

Fig. 3; Fonte: "História da Guiné e Cabo Verde"- PAIGC, 1974





17. A República da Guiné-Bissau

Fig. 4 - Mapa Militar do PAIGC (1969 ?); Fonte: "História da Guiné e Cabo Verde"- PAIGC, 1974



Na conferência de Berlim em 1884 foi acordado um novo pacto colonial que obrigava as potências colonialistas a ocuparem efectivamente os territórios que reclamavam como seus. Assim, Portugal viu-se obrigado a penetrar no interior do território, tentando impôr a sua soberania a povos com os quais até então apenas mantinha relações comerciais. Na realidade, havia em vastas zonas do país uma ausência total de soberania portuguesa. Desenvolve-se assim uma luta de resistência à colonização portuguesa que se irá estender até 1936 (campanhas de Teixeira Pinto).

Com o regime de António Oliveira Salazar, uma companhia do grupo CUF, a “Casa Gouveia” assumiu o monopólio da exploração dos recursos económicos da Guiné, cuja principal fonte de rendimento era a comercialização de mancarra (amendoim).

A 3 de Agosto de 1959 realiza-se uma primeira greve de trabalhadores, no porto de Bissau, que tem graves consequências humanas, visto ter sido reprimida pelas autoridades portuguesas, vitimando várias dezenas de guineenses.

Começam a gerar-se movimentos de oposição à colonização portuguesa em 1956, destacando-se Amílcar Cabral e outros companheiros, que fundam em Bissau o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde).

Desenvolveu-se assim, por estes e outros motivos, uma longa guerra, denominada por uns como Guerra Colonial e por outros como Guerra de Libertação Nacional.

Esta guerra iria obrigar os portugueses a empenharem importantes e dispendiosos efectivos e meios militares. Em 1969 cerca de dois terços do território da Guiné estava fora do controle das autoridades portuguesas.

No dia 20 de Janeiro de 1973, o líder do PAIGC Amílcar Cabral era assassinado na Guiné-Conakry por guineenses aliciados pela PIDE.



Fonte: Corbis- net - site Guiné-Bissau



De 18 a 22 de Julho de 1973, realiza-se o segundo congresso do PAIGC onde foi decidido convocar a primeira assembleia nacional popular para proclamar o Estado da Guiné-Bissau, formar um Executivo e elaborar a primeira Constituição do país.

Dois meses mais tarde é eleito Luis Cabral como presidente do Conselho de Estado.

Com a “Revolução de 25 de Abril” em Abril de 74 em Portugal é derrubado o regime de Marcelo Caetano, as condições políticas mudam e Portugal reconhece, a 26 de Agosto, a independência da Guiné-Bissau através da assinatura do “Acordo de Argel”.

A 14 de Novembro de 1980, viria a concretizar-se um golpe de estado liderado por João Bernardo (Nino) Vieira, prestigioso chefe militar das FARP (Forças Armadas Revolucionárias do Povo), derrubando Luis Cabral e acusando-o de desvios aos princípios do partido.

Em resultado disso ficaram quebradas as relações diplomáticas entre Guiné-Bissau e Cabo Verde, relações essas que só se viriam a restabelecer mediante a intervenção e intermediação do presidente moçambicano Samora Machel, sentando à mesma mesa Nino Vieira e Aristides Pereira, em Junho de 1982, em Maputo.

No entanto, com o passar do tempo a estabilidade politico-económica deteriora-se culminando num ambiente de tensão entre as Forças Armadas e a Presidência da República.



Palácio Presidencial atingido durante a guerra; Fonte de 1998/9 : ONG Tiniguena - Bissau



A falta de sucesso na melhoria do bem estar da generalidade da população, a desigualdade crescente, o clima de impunidade e corrupção do partido no poder, levam a uma realidade económica extremamente pobre com uma balança comercial e um nível de dívida externa incompatíveis com a capacidade de produção nacional.

Com todas estas dificuldades a Guiné viu-se defrontada durante vários meses de 1997 por uma vaga de greves, a última das quais paralisou todo o sistema de ensino durante um largo espaço de tempo.

Mais tarde todas essas reivindicações de Bissau efectuadas por professores, estudantes, bancários, enfermeiros, estivadores, etc, alastraram a outras zonas do país.

A 7 de Junho de 1998 desencandeou-se uma rebelião liderada pelo Brigadeiro Ansemame Mané, e que, além do apoio militar tinha também o apoio generalizado da população.



O conflito durou cerca de 1 ano e meio e mergulhou a Guiné num estado de pobreza e destruição. O presidente Nino Vieira é deposto dando lugar a um governo de transição liderado pelo 1º Ministro Francisco Fadul.

Este governo iniciou a reconstrução do país e preparou as eleições legislativas e presidenciais, realizadas no início de 2000 e consideradas pela Comunidade Internacional como livres e justas. Perante um panorama destes a Comunidade Internacional teve e tem a obrigação e o dever de auxiliar as pessoas deste país.

Edifício destruído pela guerra; Fonte : ONG Tiniguena - Bissau



Evolução Urbana

A Guiné-Bissau teve em toda a sua história características muito específicas relativamente aos assentamentos humanos, devido principalmente às diversas etnias e suas maneiras distintas de encarar o espaço. Aquando da exploração da Guiné pelo regime colonial, este deparou-se com um padrão de aglomerados humanos bastante díspares, onde várias unidades habitacionais, que poderiam pertencer a clans idênticos ou distintos, eram separados por terrenos agrícolas ou por espaços cerimoniais formando assim uma “morança”. A sua morfologia espacial obedece a determinadas regras impostas e respeitadas pelas várias etnias. Um grupo de “moranças” pode constituir uma aldeia ou até mesmo uma vila, que poderiam responder perante uma autoridade hierárquica (ex. Mandingas) ou simplesmente conviver no seu dia a dia de uma forma independente e autónoma em relação a qualquer tipo de autoridade (ex. Balantas). Todo este leque de informação é de uma importância vital, tanto para compreender a evolução urbanística ao longo dos tempos na Guiné, como para qualquer tipo de planeamento futuro e neste caso específico, no plano de urbanização que se pretende elaborar. Assim, toda esta informação será alvo de estudo permenorizado no ponto “ Multiplicidade de Etnias” deste trabalho.

As primeiras vilas desenvolveram-se em pontos costeiros, nomeadamente Cacheu em 1558 e Bissau em 1687, ao longo dos rios Farim e Geba respectivamente, que através da sua privilegiada situação geográfica, permitia que embarcações de grande envergadura atracassem nos seus portos, criando assim importantes relações comerciais, que desenvolveriam estes centros urbanos e consequentemente atraíssem população.



*Fig. 5 - Casa Tradicional Papel - Fonte
“Arquitetura Tradicional da Guiné-Bissau” –
Blazjewicz, Lund, Schonning – Estocolmo, 1981*



A colonização portuguesa não desenvolveu profundamente nenhum tipo de planeamento do território ou desenvolvimento urbano, utilizando apenas as vilas e as cidades como postos de controlo militar, como colecta de impostos e taxas, com o fim de garantir o monopólio do comércio, tendo como principal objectivo a maximização das exportações de matérias-primas para Portugal e Europa. Não havia um plano de colonização para o resto do país a longo prazo.

Esta situação só se veio a alterar com a pressão exercida sobre os portugueses por outras potências coloniais a partir da conferência de Berlim.

Nesta altura, França e Inglaterra estavam interessados em penetrar e colonizar vários pontos na Guiné, nomeadamente Bolama e Bissau.

Com este perigo, Portugal apressou-se a colonizar e desenvolver outras cidades em locais estratégicos. Na segunda metade do século XIX, Portugal tinha fundado 14 vilas, todas com ligação directa ao mar, destacando-se as cidades de Bafatá, Bissau, Farim, Cacheu. Em 1879, Bissau deixa de ser a capital, passando esse título para a cidade de Bolama, devido especialmente ao aumento da produção de “mancarra”. Na primeira metade do século XX, o território da Guiné já estava abastecido de algumas vias de terra batida que ligavam vários pontos do país com a capital.

Em 1940 a capital é novamente transferida para Bissau, tornando-se na cidade mais importante para as ligações com Portugal.

Somente em 1960 é elaborada a primeira lei que visa regulamentar as construções urbanas, lei que é elaborada e aprovada pela Câmara Municipal de Bissau (CMB), sendo estendida mais tarde a outros pontos do país. Com o evoluir das actividades guerrilheiras no interior do país, Portugal apressa-se a elaborar novas leis urbanas, um novo limite para a cidade de Bissau e uma nova lei respeitante à ocupação de terras e concessão de terrenos urbanos, tudo aprovado pela administração colonial.



No final da década de 60, o governador António Spínola anuncia um programa intitulado “Guiné Melhor” que tem como principais objectivos a concessão de terrenos para a construção de novos bairros permitindo assim a densificação e concentração da população e aumentar o nível de investimentos em equipamentos, serviços de saúde, escolas, vias de circulação, tanto local com inter-regional, etc. É necessário salientar que nesta altura viviam-se momentos de grande tensão no interior do país, com um crescente aumento de popularidade por parte do Movimento de Libertação Nacional. Assim, tornou-se imperativo à administração portuguesa atrair a população local dos grandes centros urbanos com o fim de diminuir a dita popularidade ao movimento que lutava pela independência do país. Esta concentração da população em centros urbanos, contrariando assim a tradicional distribuição dispersa da população, visava por parte da Administração portuguesa um maior e mais fácil controle militar.

É de referir que, apesar de segundas intenções da administração portuguesa, a cidade de Bissau foi alvo de algumas melhorias como por exemplo a construção e pavimentação de determinadas vias, a construção de um novo bairro (Bairro Militar), distribuição de água, etc.

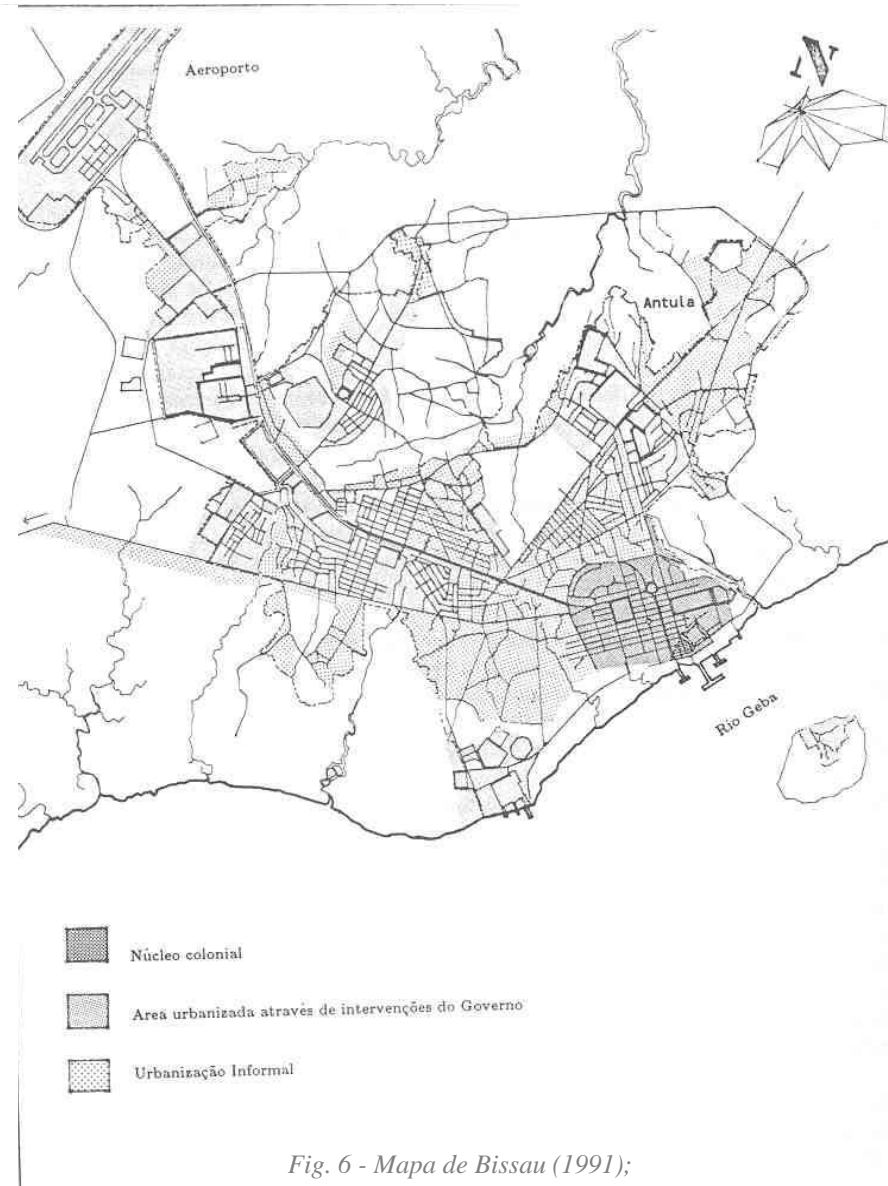


Fig. 6 - Mapa de Bissau (1991);
Fonte-. “Planeamento Urbano, Habitação e Autoconstrução “-
Acioly Jr.- 1993



A Cidade de Bissau...

A cidade de Bissau foi fundada em 1687 e tem uma situação geográfica privilegiada. Não só é uma cidade costeira como se situa no estuário do rio Geba, rio que se mostra importantíssimo no que respeita a ligações com o interior do país. Além disso, esta cidade sempre foi a de maior interesse para Portugal e para as suas ligações com este país. Já neste século, em 1940, recupera o título de capital, depois dele pertencer à cidade de Bolama durante 61 anos. Passados quatro anos, é elaborada a lei que estabelece o perímetro da cidade e a sua jurisdição (Foral 1944), totalizando uma área de cerca de 1100 ha.

Em 1948 é elaborado o primeiro Plano Director de Bissau (PDB), alterando os limites da cidade.

Mais tarde, em 1973, a administração portuguesa formula um novo PDB onde são alterados novamente os limites da cidade, limites esses que permanecem ainda hoje. Alguns anos após a independência, em 1986, o Ministério das Obras Públicas Construção e Urbanismo (MOPCU) inicia um estudo que se pretende vasto e rigoroso, de forma a obter um plano global da cidade, estudo este que dá origem ao Plano Geral Urbanístico (PGU) no ano de 1991. Este documento ainda hoje se encontra válido.



Via de Bissau Velha; Fonte : ONG Tiniguena - Bissau



Evolução Sócio-Económica

Assim, a população de Bissau é constituída por diversos grupos sociais; - as pessoas originais da cidade que sempre tiveram o seu negócio, o seu emprego e por isso, a sua habitação situa-se no centro da cidade; - e as pessoas que ou por motivos de guerra ou por uma procura de melhoria de nível de vida migrou para Bissau, muitas vezes deixando todos os seus meios de subsistência para trás, tentando vingar numa cidade onde cada vez se torna mais difícil para as pessoas neste tipo de situação conseguirem bons empregos, situações estáveis. Estas pessoas que foram chegando a Bissau e a grande preocupação foi de a de procurar um sítio para fabricar a sua habitação. Como qualquer cidade que sofra um acréscimo acentuado de população, o seu centro não tinha dimensões suficientes para albergar todas essas pessoas. Assim começou a desenvolver-se a área metropolitana de Bissau. Foram-se construindo bairros na sua periferia, bairros esses que hoje chegam a localizar-se a uma distância de 7 km do centro da cidade. Fazem parte desta categoria de bairros o Quelélé, Belém, Cuntum, parte do Bairro Militar, etc, albergando problemas comuns a bairros periféricos das áreas metropolitanas.



Mercado de Bandim; Fonte: ONG Tiniguena - Bissau

Durante a guerra colonial, Bissau aumentou consideravelmente a sua população, visto que devido à sua situação geográfica e administrativa, esta era bastante mais segura que outros sítios no interior do país onde se travavam violentos combates. Estima-se que migraram das suas terras para Bissau cerca de 150.000 pessoas, donde uma grande parte resolveu não regressar à sua terra de origem. Assim, e com a independência, Bissau torna-se o maior centro urbano do país, contribuindo para isso localizar-se ali o maior porto, centralizar todo o poder político e ser o ponto distribuidor de bens e produtos tanto do resto do país como do estrangeiro. Com tudo isto, o movimento migratório com destino à cidade nunca mais parou, fazendo com que Bissau tenha hoje uma população que ronde os 250 000 habitantes, o que significa 15% da população da Guiné.



Evolução da Malha Urbana

Até ao princípio do século passado, Bissau restringia-se apenas à área ocupada pelas muralhas do Forte de S. José, conhecida nos dias de hoje por Forte de Amura. Esta restrição existia porque as terras onde hoje se situa Bissau eram pertences da etnia Papel que, pelas suas características culturais, eram bastante reticentes em relação à possível exploração das suas terras por outras etnias ou por estrangeiros. Quando esse crescimento se tornou inevitável, em 1945 o governo colonial deu ordens para se fazerem estudos quanto à estrutura urbana da cidade e a sua possível expansão. Destes estudos resultaria o primeiro Plano Director de Bissau (PDB) que nunca seria completamente implementado. Mas ficariam as bases para futuros estudos deste tipo.

A partir da década de 60, a estrutura de Bissau começaria a desenvolver-se muito rapidamente mas sem qualquer tipo de planeamento ou ordenamento do espaço. O perímetro da cidade é rapidamente alterado e desenvolvem-se inúmeros bairros na sua periferia. Hoje, são mais de 20 bairros, correspondendo sensivelmente a 75% da área da grande Bissau.

O Quelélé faz parte desta categoria de bairros. Assim, a cidade tendeu a expandir-se em duas direcções distintas: para noroeste, ao longo da avenida 14 de Novembro que liga Bissau ao aeroporto aonde se encontram hoje os maiores bairros periféricos da cidade (Belém, Quelélé, Bairro Militar); para nordeste, em direcção a Antula.

É de referir que todo este desenvolvimento urbano não se fez acompanhar de qualquer tipo de planeamento, seja a nível de malha, de infraestruturas, ou a nível viário. É assim que hoje todos estes bairros sofrem do mesmo tipo de problemas, têm as mesmas carências e necessitam das mesmas soluções, respeitando a individualidade de cada um.

Contrariamente às características destes bairros, a zona antiga de Bissau, junto ao forte de Amura, tem uma malha claramente ortogonal, com um conjunto edificado de normalmente 2 pisos, com lotes de grandes dimensões e com um índice de ocupação bastante baixo.



Via de acesso a mercado



Este desenho urbano resulta da aplicação do novo plano director (1948) Mas este plano somente se restringia à zona central e antiga de Bissau, não tendo em conta todo o processo de expansão que se estava a desenvolver na periferia da cidade.

É de salientar que este plano previa o desenvolvimento da cidade-centro ao longo de dois eixos em direcção a norte. Explica-se assim, toda a repetição de quarteirões , com lotes generosos e uma densidade populacional relativamente baixa.

Infelizmente, após a independência, Bissau Velha (como é denominada), entrou num processo de declínio e degradação a que não resistiram os bons materiais e o nível de construção que caracterizavam aquelas edificações.

Esta degradação deveu-se a dois grandes factores: os poucos recursos que

havia tanto para a sua manutenção como para a sua renovação; e a falta de quadros técnicos capazes de dar solução ao processo de degradação que começava a desenvolver-se. Só no princípio da década de 90 é que surgiram uma série de projectos de renovação e reabilitação que modificou significativamente a imagem desta zona de Bissau.

Os Bairros Periféricos

Na periferia de Bissau desenvolveu-se um conjunto de bairros que, devido à falta de planeamento, tiveram e têm tido uma série de problemas que são comuns a todos. Esses problemas verificam-se a vários níveis e vão desde a alta densidade populacional até à carência quase total de infraestruturas. Todos estes problemas são, infelizmente, características do bairro do Quelélé. Assim, aquando da análise ao bairro, nos capítulos seguintes, retratarei com detalhe cada um destes problemas.



Edifício colonial no centro de Bissau; Fonte : ONG Tiniguena - Bissau



Bairro do Quelélé

Introdução / Caracterização Sócio-Económica

O Bairro do Quelélé enquadra-se num grupo de bairros sub-urbanos situado a 6Km do centro de Bissau. Ao seu redor situam-se os bairros de Belém, Cuntum, Penha e Bôr. Estes bairros surgiram devido ao aumento desmesurado do número de pessoas a afluir á cidade de Bissau, não sendo este crescimento planeado nem ordenado. Assim, estes bairros sofrem de vários tipos de problemas inerentes a um crescimento rápido e incontrolado e sem terem em consideração critérios urbanísticos tais como : problemas de salubridade, de infra-estruturas, falta de rede de saneamentos, de condições de habitabilidade, deficientes condições de saúde e conseqüente a tudo isto, um elevado nível de degradação e de pobreza.

Até 1983 o Bairro do Quelélé era um vasto terreno coberto de vegetação, onde habitava a etnia Papel numa “tabanca” e alguns terrenos agrícolas. Toda a expansão urbana mais antiga desenvolveu-se para norte da estrada aeroporto / Bissau, nomeadamente o Bairro Militar e o Bairro de Belém. Foi nesse ano, de 83, que a urbanização se estendeu para sul dessa via. Essa demorada expansão foi devida ao facto de os antigos proprietários destes terrenos (etnia Papel) não os quererem vender (característica Papel – independência em relação às outras etnias, preferencia para viverem mais isolados). Venderam terrenos seus a norte da referida via para a construção do Bairro Militar, e só quando era inevitável a expansão devido à forte concentração populacional no centro de Bissau, é que se disponibilizaram para começar a vender alguns dos seus terrenos no Quelélé para construção.



Escola Secundária e acessos no Bairro do Quelélé



Nesse ano estabeleceram-se no bairro algumas famílias de militares desmobilizados, com autorização do chefe da “tabanca”.

Na década de 90, assistiu-se a uma aceleração crescente na construção de casas, sendo de entre os bairros sub-urbanos de Bissau, o bairro com a taxa de crescimento mais rápida.

Presentemente no Bairro do Quelélé vivem 2.100 famílias e cerca de 18.000 habitantes.

Cerca de 50% da população é muçulmana, das etnias Mandinga e Fula. As restantes etnias mais representativas são as Papel, Balanta, Manjaco, Beafada e Brâme.



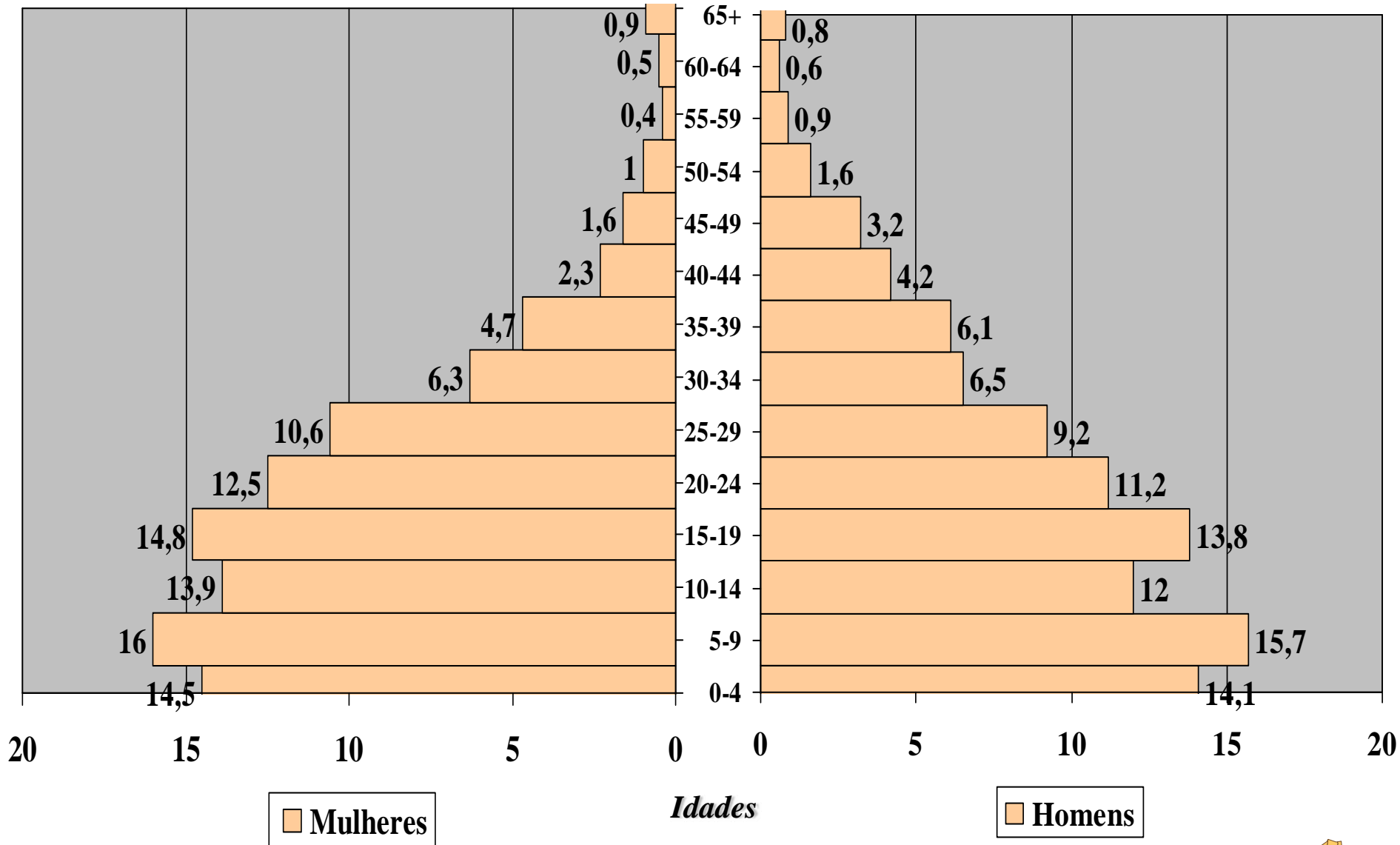
Casa de etnia Balanta no Quelélé

A maior parte da população do bairro, é proveniente de outros bairros da capital, atraídos pela facilidade de adquirir terreno para construir casa; esta população é, de uma maneira geral, população de recursos limitados.

No que respeita às actividades económicas, a agricultura e o comércio são as principais ocupações. É de salientar que num inquérito realizado no ano transacto pela ONG local AD - Acção para o Desenvolvimento em parceria com o Ministério do Trabalho e da Solidariedade de Portugal, mais de metade da população respondeu que não tinha ocupação. Esta situação não retrata a realidade, pois muitas destas pessoas vendem alimentos e produtos na rua (o denominado comércio de rua, sem ponto fixo).



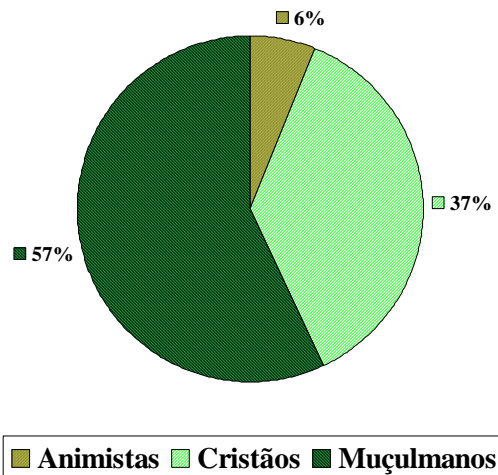
Pirâmide de Idades de Quelélé



Religião



Mesquita Madina do Boé - Quelélé



Poilão - Quelélé

A religião tem um papel preponderante na população guineense. Só no Quelélé existem 4 mesquitas, um centro de missão católica e vários pontos de cerimónias animistas, em volta de “poilões”. O Poilão (que em outros países é conhecido por “Embodeiro”) é uma árvore de grandes dimensões que, para a religião animista, é um local de culto.

Infelizmente o Bairro do Quelélé encontrava-se geograficamente na linha de fogo durante guerra, que decorreu entre 1998 e 1999 .

No final da guerra o Quelélé era uma triste paisagem de casas destruídas e mato a apoderar-se delas. As pessoas tentam, com os seus poucos recursos, reconstruir as suas casas e as infra-estruturas mais importantes do bairro.



Habitação destruída pela guerra - Quelélé



Área e Limites do Bairro

O Bairro do Quelélé tem uma área de 130 ha dos quais, são ocupados:

- 101 920 m² por habitações
- 23 630 m² por equipamentos/serviços
- 87 350 m² por bolanhas (plantação de arroz e legumes)
- 84 870 m² por cajueiros e mangueiros
- 725 000 m² de áreas atingidas pela guerra e terrenos desocupados
- 224 820 m² pela rede viária (incluindo caminhos e zonas pedonais)



Fotos de topo : foto esq.- Estrada da Volta; foto drt.- Estrada de Bôr



O bairro tem como limites: a norte e a este a estrada de Volta (antiga “circular” militar que limitava a cidade de Bissau); a sul a estrada de Bôr (ligação Bôr / Bissau); e a oeste a bolanha que separa o Bairro do Quelélé do Bairro dos Pescadores.



Estrada da Volta - fronteira entre Quelélé e Bairro dos Pescadores



Topografia

O bairro toma a forma de uma calote em que o Centro de Próteses ocupa o cume. Esta seria uma situação que se poderia tornar proveitosa para resolver alguns problemas, nomeadamente os de carácter de saneamento. Mas é necessário salientar que o desnível para qualquer um dos lados é bastante suave, sem inclinações acentuadas, tendo uma variação máxima de 5 metros entre o ponto de cota mais alta e as extremidades do bairro que se situam a 700 m para este e 580 m para oeste.

Hidrografia

Tanto neste bairro como praticamente em toda a Guiné-Bissau, os lençóis freáticos estão a pequena profundidade. É costume dizer que, durante grande parte do ano, baste fazer um furo com dez metros de profundidade em qualquer sítio, para se encontrar água.

Se, por um lado, esta característica pode ser benéfica para actividades económicas como é o caso da agricultura, por outro lado, em termos de construção, esta situação é bastante limitadora. As fundações de um edifício nunca podem ser muito profundas, e conseqüentemente, o número de pisos desses edifícios não deve ser elevado. Aliás, aliada a esta característica encontram-se outras de igual importância, que fazem com que o padrão arquitectónico dos edifícios de uma maneira geral sejam habitações ou edifícios públicos de um só piso, com determinados tipos de materiais que proporcionem uma razoável temperatura interior, características estas que serão abordadas noutros pontos deste capítulo.



Um dos vários cursos de água existentes no bairro



Malha Urbana e o Uso do Espaço

Todo o Quelélé é caracterizado por uma malha orgânica, fruto dum processo de construção que foi crescendo à medida das necessidades, sem por isso ter sido alvo de planeamento prévio. Assim, o bairro é um amontoado de 1000 edifícios sem grandes eixos, onde a inter-ligação habitação / espaços de lazer / estabelecimentos de ensino / serviços, não se encontra harmoniosa ou bem distribuída.

Inserida nesta malha ou contornando-a, encontram-se grandes áreas de cajueiros, mangueiros e de bolanhas essenciais à sobrevivência e alimentação da população como também à própria economia do bairro.

O bairro é bastante denso, estando as edificações construídas muito próximas umas das outras, criando assim, apesar de ser uma configuração orgânica, uma configuração urbana.



No que respeita ao loteamento, apesar de não haver uma delimitação explícita destes ou dos limites das propriedades de cada família ou habitante, é notório que existe um controle social e espacial no processo de ocupação do solo.

O controle do espaço de cada um é aceite pelos restantes habitantes e é marcado de forma quase simbólica através de árvores, uma vegetação local ou um determinado ponto cerimonial. No entanto, um indivíduo pode caminhar em várias direcções sem que se defronte com qualquer obstáculo físico que seja incontornável.

Foto: Via Secundária - Quelélé



No que se refere à distribuição espacial, pode-se dividir o Bairro do Quelélé em duas grandes áreas. Esta divisão é feita pelo eixo- estrada de Bôr / estrada de Volta, sendo esta a via de maior importância no Quelélé. Esta divisão tem um carácter não só espacial, como faz a distinção entre as zonas densamente habitadas e as zonas ocupadas, tanto por organizações como pelos estabelecimentos escolares e por espaços de lazer.

Assim, a zona este do bairro é claramente a zona mais densamente povoada, com uma densidade 138 hab/ha e consequentemente com maiores carências a vários níveis. É neste lado que se encontra o mercado, sendo este o principal ponto comercial do bairro.

No eixo que faz a ligação mercado / estrada principal, desenvolve-se todo um comércio de rua, normalmente efectuado pelas mulheres (“bideiras”) onde são vendidos produtos alimentares como o cajú, a mancarra, os mangos, etc, comércio este vital para a subsistência das famílias.



Eixo principal do Quelélé

Visto ser esta a zona mais densamente povoada, é aqui que se encontram 7 das 8 “escolinhas populares”, incluindo a escola Árabe.

Utiliza-se este termo porque todas elas são escolas de iniciativa da população, não oficiais (excepto uma) visto o Estado não contribuir com capital suficiente para este sector da educação. Assim, são os próprios habitantes que tentam formar pequenas escolas onde o professor é um jovem, com alguma escolaridade, a que os pais pagam, possibilitando assim que as crianças tenham alguma educação a nível escolar. É necessário salientar que estas escolinhas não têm infraestruturas, sendo normalmente espaços debaixo de mangueiros ou cajueiros.



Nesta zona ainda se pode encontrar um Centro de Saúde (o único no bairro) e um pequeno Centro de Próteses que substitui o grande centro, visto este ter servido de aquartelamento para as tropas Senegalesas durante a guerra e assim estar completamente destruído.

A zona oeste do bairro encontra-se menos povoada, com espaços mais abertos, mas com uma concentração quase total no que se refere a equipamentos de lazer, a sedes de organizações, ao grande centro de próteses, à escola secundária, às grandes bolanhas e aos espaços destinados a cajueiros, mangueiros, etc.

Encontra-se um total desequilíbrio na distribuição dos vários usos ao longo de todo o bairro.



Armazém de Centro de Próteses destruído pela guerra



Área de Cajueiros e Mangueiros na zona oeste do bairro fazendo fronteira com o Bairro dos Pescadores - importante fonte de rendimento



Parque Habitacional e Sua Arquitectura

No Quelélé existem 975 edifícios habitacionais dos quais 2/3 encontram-se na zona este do bairro. Deste número estima-se que 170 a 230 casas estejam destruídas pelo conflito. A maioria das casas são construídas com paredes de blocos de adobe secos ao sol ou utilizando uma técnica semelhante ao “pau-a-pique” que consistia numa técnica de construção em que a estrutura das paredes é bambu ou algum tipo de madeira, forradas posteriormente com terra de ambos os lados.

Todas elas apresentam exteriormente a mesma forma (rectangular), com um único piso, isto apesar de existirem várias etnias, com características diferentes de encarar e de utilizar o espaço interior. Assim, apesar da forma exterior ser idêntica, a disposição interior difere consoante a etnia de cada um. Estas diferenças serão alvo de estudo mais aprofundado no capítulo “ Multiplicidade de Etnias ”. É necessário salientar que, com os movimentos migratórios das “tabancas” do interior do país, todas essas pessoas passaram a ocupar um espaço comum onde se relacionam várias etnias, diferentes maneiras de estar, pelo que se tornou imperativo uma convivência harmoniosa, independentemente das suas origens. Assim, todas as casas são exteriormente iguais, de forma a que não haja diferenciação, segregação ou qualquer outra forma que pudesse dar origem a divisões étnicas dentro dum mesmo espaço. Assim, presentemente apenas se podem diferenciar as etnias pelo aspecto, cuidado ou não, da fachada de suas casas ou arranjos exteriores (pequenos jardins).



Habitação de etnia Papel - Quelélé



Habitação de etnia Mandinga - Quelélé



Independentemente do valor monetário do terreno, este pertence sempre por questões histórico-éticas a alguma etnia que neste caso será a etnia Papel.

Assim, a pessoa que está interessada em adquirir uma parcela de terreno no bairro irá ter que pedir autorização ao “Homen Velho” dessa etnia. Esse “Homen Velho” que será um chefe de família ouvirá o pedido e negociará com o pretendente ao terreno o preço pela sua autorização. Acontece que muitas vezes esse preço não será monetário mas sim por sistema de trocas, visto o guineense normal não possuir rendimentos suficientes para adquirir um terreno de tão elevado valor por moeda . Por exemplo, se esse chefe de família tiver uma filha que casou e está a construir uma casa, o pretendente ao terreno comprará as cibes e as chapas de zinco que servirão de telhado à casa.

- depois de acertado o preço, ambos dirigem-se à CMB afim de legalizar a situação, seja a nível de mudança de proprietário, seja para requerer a licença de construção.

- após ser atribuída a licença de construção, o novo proprietário começará a construir a sua casa conforme as suas possibilidades económicas.

Esse processo terá várias fases das quais se destacam:

- a) construir o “chão”- isto é proceder à construção do soalho da casa em cimento com uma altura considerável a partir da cota de terreno devido ao aumento dos níveis da água na época das chuvas (+/- 50 cm de alt.);
- b) Procurar ter meios financeiros para iniciar a construção das paredes exteriores ainda na época de calor. Isto porque o adobe precisa de secar para que se torne consistente, não provocando assim a derrocada das paredes se forem atingidas na época das chuvas;
- c) procurar montar uma estrutura em cibes afim de dar bases ao telhado;
- d) adquirir chapas de zinco para servir de telhado. Muitas vezes, visto não haver meios financeiros para as adquirir, substitui-se o zinco por palha até que a compra do outro material seja possível;

Para finalizar resta salientar que é frequente construir uma casa em várias fases. Para as pessoas duma maneira geral torna-se quase impossível financeiramente construir a casa de uma só vez. Assim é normal encontrar casas em que as paredes e o telhado estão construídos mas que as portas e janelas estão tapadas por blocos de adobe, impedindo o acesso a estranhos. Aqui, a casa terá como fase seguinte a construção a nível interior.



Abastecimento de Água e Saneamento

O bairro tem as suas principais lacunas nestes sectores. Como atrás foi referido, o abastecimento de água é efectuado na maioria das vezes através de poços, em que a água é retirada por baldes ou latões, sem passar por qualquer tipo de tratamento ou filtragem. Muitas das pessoas, preocupadas com possíveis detritos ou contaminações, filtram a água através de um pano. A partir deste momento, a água está pronta a ser consumida.

Este problema afecta não só o Quelélé, mas também a maioria dos bairros vizinhos. Além disso, o número de poços não é elevado e, portanto está longe de haver um poço por habitação. Assim, é normal transitarem crianças e mulheres com baldes, de umas casas para outras, tornando os poços privados, com autorização dos seus proprietários, em poços semi-públicos. É de referir que, apesar do bairro estar assente num lençol freático e portanto haver abundância de água, os custos para fazer esses furos, são de uma maneira geral, extremamente caros. A UNICEF doou, ultimamente, um furo com bomba de água junto ao mercado, sítio pela sua função já extremamente necessitado e um depósito flexível com água, auxiliado de um filtro que permite que a água seja potável. Enquanto não for possível estabelecer uma rede de abastecimento de água canalizada, o futuro próximo do Quelélé passará, a meu ver, inevitavelmente por estabelecer uma rede de poços com bombas manuais e dotados de filtros.



Poço privado - Quelélé



Furo e bomba de água doado pela UNICEF - Quelélé



Além disso, visto não haver rede de escoamento para águas residuais, na maior parte dos casos existe no exterior da casa um poço absorvente com uma latrina, isto é, um local onde não só são feitas as necessidades primárias de cada um, como são utilizadas também para se tomar banho e, ao mesmo tempo, servir de escoamento para todo o tipo de águas. Estes locais, visto não existirem em todas as casas, são, em muitos casos, usados por moradores de duas ou mais casas, principalmente quando pertencem a uma “morança”. Como este local está situado a uma certa distância da casa, é frequente ver os habitantes circulando entre as casas. Isto, faz com que muitas vezes os quintais ou os fundos das casas sejam de ocupação colectiva.



Depósito de água doado pela UNICEF - Quelélé

Este sistema de poço absorvente com latrina é um dos sistemas mais antigos que existem. Consiste numa fossa de grandes dimensões, pavimentada no topo, pavimento este que tem um orifício. Em redor existe uma sebe para dar alguma privacidade. A latrina tem uma capacidade limitada. Assim, quando a fossa enche, esta é tapada e abre-se uma nova noutro sítio, deslocando-se o pavimento e as sebes. Este tipo de fossa tem além dos inconvenientes já mencionados, o perigo de não funcionarem correctamente, isto é, com o despejar consecutivo de todo o tipo de águas residuais, os lados e o fundo da fossa saturarem e rapidamente encherem e transbordarem.



“Quartinho”-poço absorvente com latrina - Quelélé



Equipamentos - Espaços de Lazer / Estabelecimentos de Saúde e de Ensino

No Quelélé existem três espaços destinados somente ao lazer e todos eles se encontram no lado oeste do bairro.

Desses espaços, apenas dois estão operacionais; isto porque um deles (um campo de futebol) encontrava-se no interior do centro de próteses e portanto foi alvo de bastantes bombardeamentos durante a guerra, criando aberturas no solo de tais dimensões que a população local lhes atribuiu o nome de “crateras”; outro espaço, que também é um campo de futebol, pertence à escola secundária, sendo hoje um campo de capim, estando inutilizável devido a terem detonado algumas minas anti-pessoal e portanto, haver o receio de existirem mais. É necessário salientar que as brigadas de sapadores militares pouco podem fazer devido aos fracos recursos que têm. Assim, por iniciativa da ONG local com o apoio financeiro de ONG’s portuguesas, contractou-se sapadores militares que fizeram a inspecção e levantamento das minas que ali existiam. Mas infelizmente ficaram bastantes por indentificar. Assim foi a própria população que tomou a iniciativa de utilizar vacas para “bater” os terrenos.

O que é previsível é que as vacas não são infalíveis e, portanto infelizmente e com alguma frequência ouve-se o detonar de minas.

O terceiro e último é o espaço mais importante e situa-se no extremo oeste do bairro fazendo fronteira com uma “bolanha”.

Este espaço de iniciativa da ONG local - AD e diversas organizações de moradores está equipado com um polivalente aberto, uma associação de jovens, uma rádio comunitária que se demonstra ser de extrema importância, visto ser uma companhia constante e uma fonte de informação para todos os habitantes do bairro.



Escola secundária e campo de futebol destruídos pela guerra





Polivalente, Associação de Moradores, Rádio e Clube de Jovens

Além destes equipamentos, encontra-se no mesmo edifício uma associação que, juntamente com a ONG local, são quem coordena todas as actividades e tentam dar solução aos problemas que todos os dias surgem. Esta associação é a Associação de Moradores e a ONG aqui referenciada é a AD – Acção para o Desenvolvimento.

Estas duas instituições serão alvo de um estudo mais aprofundado, visto a sua existência ser vital para o desenvolvimento do Quelélé. Este último espaço está presentemente a ser totalmente reconstruído com a participação da população.



No que se refere aos estabelecimentos de saúde o bairro possuía um Centro de Saúde e um Centro de Próteses, este com grandes dimensões. Este centro continha no seu interior nada menos que um hospital, uma fábrica de próteses, dois armazéns de grandes proporções, habitações para os trabalhadores, campos de cultivo e um campo de futebol. Este era o único centro de próteses que servia a Guiné – Bissau, o Senegal e a Guiné Conakry. Durante a guerra, este centro serviu de aquartelamento aos militares senegaleses, ficando praticamente todo destruído. Como consequência do conflito, houve milhares de baixas incluindo muitos mutilados. Visto ser absolutamente necessário criar algum tipo de ajuda a estas pessoas, um antigo funcionário do centro de próteses adaptou e fabricou uma máquina de fazer próteses e na sua casa montou um pequeno centro clínico. Este centro situa-se no eixo que liga o mercado à estrada / eixo principal do Quelélé. Além deste centro, existe um pequeno Centro de Saúde (construído pela população) que hoje já não consegue dar vazão à quantidade de pessoas que ali ocorre. É necessário salientar que neste momento em Bissau só funciona o hospital Simão Mendes, que funciona em condições muito precárias. Este será outro grande problema no bairro. Nunca é demais salientar que toda esta situação se torna ainda mais difícil quando o Estado não comparticipa com o capital desejável para colmatar estas necessidades . No que se refere aos estabelecimentos de ensino, a situação ainda é mais precária. Em termos oficiais, para todo o bairro existe apenas uma escola primária e uma escola secundária, escolas estas que seriam no mínimo insuficientes para a população jovem que totalizam 6900, incluindo crianças e adolescentes com idade inferior a 15 anos.



*Centro de Saúde do
Quelélé*



Assim, a população juntamente com a Associação de Moradores e com a ONG local, têm apoiado a criação das condições mínimas para o funcionamento das pequenas escolas – as chamadas “escolinhas populares”, fornecendo por exemplo chapas de zinco..

Estas escolinhas situam-se normalmente debaixo de um Cajueiro ou de um Mangueiro ou ainda possivelmente debaixo de um Poilão.

Com folhas de palmeiras ou de outras árvores, faz-se uma estrutura que envolverá a escola, fazendo de paredes e, principalmente, de tecto.



Escolinhas populares no bairro

Digo principalmente porque presenciei uma situação no mínimo inacreditável para um adulto quanto mais para crianças...tratava-se de uma escolinha que praticamente não tinha paredes, apenas três pequenas sebes laterais e tinha como parede traseira uma fachada de uma casa que tinha sido bombardeada pela guerra (foto lado esquerdo).

Mas inacreditavelmente esta escola não tinha meios financeiros para comprar folhas ou sibes para fazer de telhado. Assim, eram cerca de 11 horas da manhã, já o sol ia alto, com uma temperatura que rondava os 38 ° graus e deparei com uma dúzia e meia de crianças e um professor, sentados, atentos, mas completamente ensopados em suor.



São este tipo de situações que a Associação de Moradores a a AD tentam resolver ou pelo menos minimizar. É de salientar que os professores são jovens com um grau de escolaridade mais alto (secundário finalizado), mas que não têm qualquer vínculo laboral, dependendo das contribuições financeiras da população. Ao todo são 8 escolinhas populares em que as crianças no final do 4º ano lectivo (4ª classe), podem fazer os exames nacionais de acesso à escola secundária oficial (no final de 1999-2000 a taxa de sucesso foi de perto de 80%). A escola secundária situa-se na zona oeste do bairro. Neste momento esta escola funciona apenas a 30 %, isto porque foi alvo de bombardeamento durante o conflito devido a situar-se no lado oeste do centro de próteses. Além disso, o campo de jogos da escola é o já referido campo onde detonaram minas e possivelmente existirão mais. Assim, os jovens têm que se restringir ao espaço do polidesportivo. Acontece também que muitos dos alunos não têm aulas, dado que os professores não comparecem por falta de pagamento de salários por parte do Estado ou pelo baixo nível de salários, que não permitem a sobrevivência sem recurso a outras actividades.

Mas é de salientar que este equipamento tem bastantes possibilidades, visto ter dimensões bastante razoáveis e estar óptimamente localizado. Sem falar na importância vital que tem na educação dos jovens, não só do Quelélé como de bairros circundantes.



Escola secundária e via de acesso ao polivalente, à rádio, centro de Jovens, AD, assoc. de moradores



Estrutura Viária

Apesar do Quelélé ter uma malha orgânica, a estrutura viária do bairro é claramente hierarquizada.

Assim, como vias principais temos as vias limítrofes do bairro (estrada da Volta, estrada de Bôr) e a via / eixo principal que faz a ligação entre as duas vias atrás referidas, dividindo o Quelélé em duas partes distintas. A estrada de Bôr é bastante importante não só para o bairro como para todo o contexto de acessos a áreas limítrofes da capital como é o caso, fazendo a ligação entre Bissau e Bôr e entre todos os bairros que atravessa (Quelélé,Cuntum,Belém, etc). Destas vias, é a única que é alcatroada. A estrada da Volta, apesar de ser importante, outrora já teve bastante mais importância.



Estrada da Volta

Como diz o nome, esta via era na altura colonial a que dava a “ volta ” a Bissau. Isto é, tratava-se de uma circular com fins militares, de segurança, que partia de Bissau dava acesso ao aeroporto e terminava outra vez em Bissau, mas contornando bairros já existentes nessa altura mais a norte (Bairro Militar, Cupilom de Cima, etc). Hoje, apenas é importante como acesso entre bairros, estabelecendo ligação entre o Quelélé, o Bairro dos Pescadores e o Bairro de Cuntum. Esta estrada, como todas as outras, é de terra batida, com uma largura que ronda os 6 metros.

O eixo principal do bairro tem uma largura de 8 metros, é o principal acesso ao bairro, estabelecendo também a divisão entre a zona densamente habitada e a zona mais dispersa, onde se insere o centro de próteses, a AD, a Associação de Moradores, os espaços de lazer, etc. Esta estrada neste momento encontra-se em perfeitas condições, visto ser recente mas, logo que se aproxime a época das chuvas, o seu pavimento ficará danificado, visto ser de terra batida.

Além da sua importância no interior do bairro, é sem dúvida a que tem um papel mais importante na ligação deste com o exterior, visto que o prolongamento desta via para norte atravessa uma zona de embaixadas (E.U.A., França, U.E.), dá acesso ao maior hotel do país (Hotel OTI), rematando num cruzamento com duas vias importantes: uma delas pode-se dizer que se trata da via mais importante de Bissau (Av. 14 de Novembro) pois faz a ligação da cidade com o aeroporto (8 Km) e permite acesso ao interior do país.



Esta via tem uma largura de 14 metros e é classificada como auto – estrada, além de ser totalmente alcatroada. A outra via com que o eixo do Quelélé se cruza é a via que permite o acesso a um bairro importante no contexto da história e do presente da cidade : o Bairro Militar (bairro com construção iniciada no tempo colonial).

Ao longo do eixo principal do Quelélé existe todo um comércio de rua, importante para a subsistência do bairro e inclui desde as mulheres a vender mancarra, cajú, água, etc, até ao pequeno mecânico que tem a sua casa / estabelecimento à beira da estrada, venda de pão, uma escola de Árabe, etc. Esta via termina a sul no cruzamento com a estrada de Bôr.

Hierarquicamente inferiores existem as vias secundárias, vias estas que se situam no interior do Quelélé e que fazem a ligação entre pontos estratégicos do bairro. No lado este do bairro podem-se distinguir duas vias secundárias: uma que faz a ligação estrada de Volta / estrada de Bôr, paralela ao eixo principal do bairro e que atravessa pontos importantes, tais como o mercado, uma mesquita, algumas escolinhas populares, etc; a outra via será aquela que faz a ligação entre o mercado / “bolanha” e o eixo principal, desenvolvendo-se ao logo desta o maior fluxo de comércio do Quelélé. Encontram-se nesta via não só as mulheres a vender na rua, como pequenas mercearias debaixo dos alpendres das casas, um serralheiro o centro de próteses substituto do grande centro, etc. É preciso salientar que esta via encontra-se em péssimo estado de conservação, visto ser de terra batida e devido ao facto de não haver rede de esgotos nem sistema de recolha de lixo, todos estes detritos encontram-se a céu aberto no meio da rua. Assim, aquando da época das chuvas, além de abrir socalcos de grandes dimensões na via, o nível da água sobe e com ele todos os detritos ficam nitidamente a flutuar e são arrastados ao logo da via. Mais grave, é de salientar que as crianças não têm outro sítio para brincar senão nessa rua, fazendo assim com que os casos de doenças sejam muito comuns. Ficam assim, referidas as situações mais problemáticas do bairro.



Depósito de Lixo; Fonte: ONG Tiniguena - Bissau



No lado oeste do Quelélé, distinguimos três vias secundárias: a via mais importante, que dá acesso à escola secundária, ao Centro de Próteses, à AD, à Associação de Moradores, ao polidesportivo, à Rádio Comunitária, a zonas de Cajueiros e Mangueiros, etc. Esta via de terra batida, tem uma largura aproximadamente de 6 metros e neste momento ainda não está em muito mau estado, apesar de alguns grandes buracos (locais onde estavam enterradas minas anti-tanque); outra via importante será a que dá acesso ao Centro de Saúde e à antiga sede do PAIGC.

Esta via perpendicular à estrada da Volta e paralela à via secundária atrás referida, está em razoável estado e tem uma largura de 5 metros; a terceira via secundária trata-se do acesso à maior mesquita do Quelélé, a mesquita “ Madina do Boé “.

Esta via que inicia-se no eixo principal do bairro, finaliza numa grande praça, com a mesquita como ponto de referência / remate.

Como 3º grau hierárquico, temos as vias locais, que no Quelélé preenchem grande parte da malha. No geral, estas vias rondam uma largura de 4 a 5 metros, encontrando-se normalmente em mau estado devido aos factores já atrás referidos, sendo muitas delas intransitáveis por veículos motorizados, apesar de serem indispensáveis para o bom funcionamento e o fácil acesso no interior do Quelélé. Por último pode-se classificar ainda um grau de vias que são os denominados “caminhos “.



Estes, têm um carácter informal, rodeando e contornando as casas, permitindo assim às pessoas deslocarem-se e percorrerem distâncias muito menores do que se tivessem que utilizar as vias locais ou secundárias.

A organicidade destes caminhos faz com que só os moradores consigam orientar-se, tornando-se um autêntico labirinto para quem seja estranho ao bairro.

Na sua generalidade, têm uma largura mínima para que duas pessoas possam transitar sem problemas mas, normalmente, não excedem muito essa dimensão.

Via Secundária



Rede de Transportes

Antes de se referir a rede de transportes que abastece o Quelélé, é necessário salientar que é praticamente inexistente uma rede de transportes públicos, fazendo com que todo o tipo de transportes sejam de carácter privado.

Assim, no interior do bairro praticamente não se utilizam transportes, visto que qualquer deslocação é feita pedonalmente. Para o exterior deste e com mais saliência na direcção de Bissau-centro ou mercado de Bandim (maior mercado do país), as pessoas podem utilizar táxis, que ficam extremamente caros, ou utilizar o meio de transporte mais usual na cidade, que são os “Toca-Toca”. Estes transportes são normalmente carrinhas pintadas de amarelo e azul, em que o proprietário tira os vidros, rentabiliza ao máximo o espaço interior colocando mais bancos e faz transportes dentro do perímetro da cidade, transportando um grande número de pessoas em cada viagem.

No caso de se querer viajar para o interior do país utilizam-se as “Candongas” que a única coisa em que diferem dos “Toca-Toca” são a sua cor. Existe na realidade uma empresa pública de autocarros, mas que funciona muito precariamente. Falta referir que os próprios taxistas tentam fazer render ao máximo o espaço da sua viatura, transportando de cada vez o maior número de pessoas possível, mesmo que essas pessoas tenham destino diferente. Como não existe taxímetro, o preço a pagar é sempre calculado na base da estimativa da distância.



Transporte local - “Toca Toca”



Gestão e Administração de Quelélé

No que respeita a este ponto, já foi referido que infelizmente o Estado é pouco participante, limitando-se apenas à intervenção em situações burocráticas ou financeiras, como colecta de impostos, licenças, etc. Assim, torna-se bastante difícil conseguir um sem número de melhorias que a população necessita urgentemente, como construção de escolas, uma rede de saneamento capaz de travar a onda de doenças que proliferam nas épocas das chuvas, meios tanto financeiros como materiais para as pessoas melhorarem as suas casas com especial destaque para as que foram afectadas pela guerra, meios financeiros para pagar salários a professores, médicos, etc, um serviço de recolha de lixo, melhoramento das vias de comunicação, abastecimento de energia eléctrica e de água potável, etc, etc....

O bairro, apesar de se encontrar nesta situação, pode-se gabar de ter uma Associação de Moradoures e uma organização não governamental (ONG) guineense de nome Acção para o Desenvolvimento (AD) que, com todas as dificuldades inerentes, tentam traçar planos, pedir ajuda nacional e internacional, ouvir as pessoas e especialmente, luta para que as diversas iniciativas que promovem tenham repercussões directas na população, melhorando efectivamente a sua qualidade de vida.

Para que isto seja possível, e de forma a que se esteja constantemente a par das diversas situações que vão ocorrendo pelo bairro, a Associação de Moradores dividiu o Quelélé em 7 zonas. Para cada uma dessas zonas existe um responsável, que tem o dever de constatar com a maior regularidade possível as diversas carências e fazer um relatório ao responsável da associação. Assim, pode-se gerir com um bom grau de eficácia o território do Quelélé.

Com esta vistoria regular das várias zonas é mais fácil a percepção, tanto para a associação como para a ONG, de quais as maiores necessidades, quais as prioridades a levar em conta e tentar, na medida do possível, traçar planos, projectos, que procurem colmatá-las. Um exemplo disto foi um programa bastante simples, mas eficaz, que estas duas instituições fizeram há algum tempo atrás mas que agora infelizmente, está parado devido à guerra.

Este programa consistia simplesmente num trajecto efectuado por um camião da AD, que recolhia o lixo pelo bairro e depois o iria despejar num lugar mais apropriado para tal fim.



Assim, este programa tinha dois principais objectivos: o primeiro seria o de minorar as consequências que o lixo espalhado no meio da rua tem, com especial realce para as consequências a nível da saúde das crianças que como já foi dito, não têm outro lugar para brincar senão a rua; o outro objectivo seria o de habituar as pessoas a depositarem o seu lixo dentro de sacos, e levarem-nos para um sítio específico, que neste caso seria o fim da rua, junto aquela por onde passa o camião. Sem nos aperceber-mos, este simples plano era de uma importância vital. Seria simplesmente o facto de pensar o que seria de Lisboa sem um sistema de recolha de lixo, ainda agravado pela situação de não haver uma rede de esgotos ou de saneamento, o que com a época das chuvas, levava toda essa quantidade de lixo literalmente a transitar pelo meio das vias e pela porta das pessoas.

Outro projecto muito importante que foi levado a cabo por estas duas instituições denominou-se “Projecto de Reabilitação de Casas” no pós-guerra, tendo como plano de acção o Bairro do Quelélé e o Bairro Militar (bairro vizinho ao Quelélé situando-se a norte deste).

Este projecto, apesar de não possuir muitos meios, foi de uma importância vital, visto que visava ajudar as pessoas mais afectadas pela guerra.

Assim, foi feito um levantamento das casas destruídas e organizadas em grupos consoante o seu estado de gravidade. Esse hierarquização ia desde a casa completamente destruída e que precisava de ser construída de raíz, até à casa que sofreu danos mas que é recuperável. Visto que a área do Quelélé é muito vasta e o número de casas gravemente afectadas foi

bastante grande, o projecto participava com chapas de zinco para servir de cobertura / telhado, dado que as paredes que são de blocos de adobe, é a própria população que os fabrica.



É necessário salientar dois aspectos relativamente ao material aqui referido - as chapas de zinco.

A substituição das coberturas em capim por este material é preferível por eliminar dois problemas:

- o primeiro refere-se à necessidade da substituição do capim de dois em dois anos, devido a este apodrecer;

- o segundo e mais importante; é que o capim é altamente inflamável, e ao arder a casa, está a arder toda a riqueza tanto da família como a do chefe da família, ameaçando os vizinhos. Isto porque, em algumas etnias, a riqueza dum chefe de família calcula-se pela quantidade de arroz que este consegue armazenar ao longo da sua vida numa determinada divisão

da sua casa. No dia em que falecer, essa riqueza é calculada pelo número de dias que conseguir alimentar a sua família.

É de referir que o zinco devido à sua escassez e ao facto de ser importado, atinge preços bastante altos. Este projecto inseriu-se num conjunto de outros projectos financiados

totalmente pela Comunidade Internacional. Saliente-se que a Comunidade Internacional, sejam organizações como as das Nações Unidas (ONU), Banco Mundial, etc, ONG's internacionais ou os Governos dos países, mais ricos, são fontes de recursos a quem as instituições do Quelélé se têm dirigido afim de obter financiamento para projectos, planos de reconstrução, reabilitação ou melhoria, quer a nível de infra-estruturas quer a nível humanitário.

Assim, seja este Plano de Urbanização, seja qualquer outro tipo de plano terá sempre que recorrer também a financiamentos internacionais, devidamente apoiados de documentação e mecanismos de contrôle seja a nível local, seja a nível internacional.

Esta intervenção da ONG e da Associação de Moradores é no caso do Quelélé, bastante eficaz e será no meu entender, indispensável articulá-la com a organização e gestão deste Plano de Urbanização, pois que ela se tem estendido a praticamente todas as áreas da vida familiar e colectiva.



Construção de casa com blocos de adobe



Levantamento Fotográfico

Edificado



Habiteção melhorada de etnia Papel



Habiteção de etnia Balanta



Habiteção de etnia Manjaco



Habiteção de etnia Papel



Habiteção de etnia Fula



Habiteção de etnia Mandinga



Equipamentos



Escola "Mininu"



Escola "Base de Mango"



Escola "Jardim 2000"



Escola "Tchandu"



Escola "Wacaju"



Polidesportivo, Centro de Jovens, Rádio "Voz do Quelélé", Associação de Moradores



Escola Secundária



Centro de Saúde



Placa de Centro de Próteses Privado



Estrutura Viária



Via de acesso a Mesquita



Via de acesso ao polivalente, à Rádio, Centro de Jovens, AD, Assoc. de Moradores



“Estrada da Volta” - via limítrofe do bairro



Via de acesso a Mercado



“Estrada da Volta” - via principal



“Estrada da Volta” - fronteira entre Quelélé e Bairro dos Pescadores



Eixo principal do bairro



Av.14 Novembro- Ligação Bissau /Aeroporto



Via acesso a vários equipamentos



Via de acesso a Polidesportivo, Rádio, AD, Ass.Moradores



Abastecimento de Água e Saneamento



Poço privado



Bomba de água manual



Depósito de água



Fontanário



Escoamento de águas residuais na via pública



Poço absorvente com latrina no exterior da habitação



Aglomeración de lixo na via pública



Vala destinada a águas pluviais cobertas de lixo



Vala melhorada



Poço público; Fonte - net, site Guiné-Bissau



Actividades Económicas



Venda de cajú e mango



Oficina de Bambú



Mercearia



Comércio de rua efectuado por mulheres



Tecelão



Alfaiate



Forno construído pela população para cozer pão



Mulheres a bater o "Pilão"



Área de Cajueiros, Mangueiros e Bolanhas - importante fonte de rendimento



Efeitos da Guerra



Bar destruído



Habitação atingida



Habitação destruída



Habitação atingida



Habitação destruída



Habitação destruída



Armazém destruído



Aviso de Minas



Escola Secundária e C.Jogos destruídos



Habitação destruída



Armazém de Centro de Próteses destruído



Construção e Reconstrução



Palha - cobertura de telhado



Blocos de Adobe (terra com água)



Construção de habitação



Construção de habitação



“Paredes e chão” construídos



Cibes de sustentação de palha ou zinco



Habitação em fase final de construção



Construção de habitação finalizada

Religião



Mesquita no interior do bairro



Mesquita “Madina do Boé”



Poilão



Multiplicidade de Etnias

OS FULAS

O grupo étnico dos Fulas corresponde hoje a 23% da população total do país.

Pode-se diferenciar três tipos do povo Fula :

-os *Fulacundas*

-os *Futa-fulas*

-os *Fula-pretos*.

Os Fulacundas foram os primeiros a chegar ao país e conviviam com os Mandigas.

Os Futafulas têm origem no Futa-Djalon.

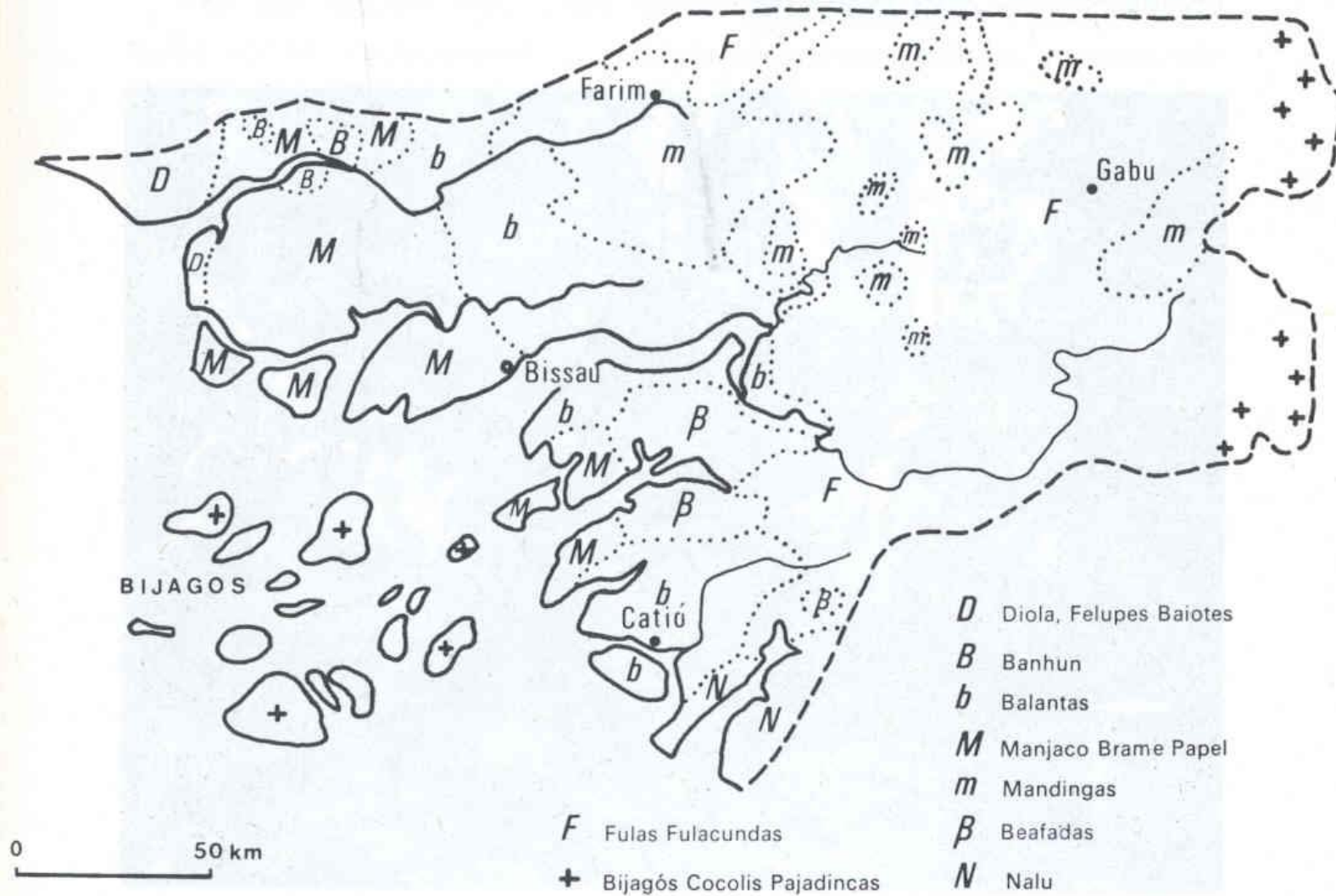
Os Fula-pretos eram, originariamente, outros povos, mas foram escravizados e assimilados pelos Fulas.

A característica principal dos Fulas é a quase total Islamização e também uma hierarquização da estrutura social.

No topo desta estrutura estão os régulos, a nobreza e os dignatários religiosos.

Abaixo deles encontram-se os artesãos e os comerciantes e finalmente, no ponto mais baixo, os camponeses criadores de gado, se bem que estes últimos normalmente são os proprietários das terras. As mulheres tem tradicionalmente uma posição subalterna.





8. Carta linguística da Guiné

Fig. 7 - Distribuição Etnica na Guiné-Bissau; Fonte: "História da Guiné e Cabo Verde" - PAIGC, 1974



A Tabanca

A tabanca constitui-se por uma aglomeração de moranças relativamente dispersas, e de localização irregular.

Se existir uma mesquita há todo um conjunto de caminhos que conduzem a ela, e também ao local de reunião da tabanca, que geralmente está localizado junto à morança do chefe da tabanca. Os locais de trabalho dos artesãos estão geralmente localizados no interior da tabanca.

A Morança

Numa morança geralmente habita uma única família alargada sendo possível haver outras pessoas também que tenham relações de amizade com essa mesma família.

O número de casas no interior de cada morança corresponde ao número de pessoas que segundo a tradição dos Fulas tem direito a moradia própria. Dessa forma, existe com algumas variações, casa para o homem, casa para as mulheres e casa para os rapazes mais velhos.

A morança é sempre cercada, normalmente por uma vedação feita de bambu ou ainda por uma sebe de vegetação.

A Casa

A casa tradicional dos Fula é redonda, independentemente do sexo ou idade do usuário. Elas podem ser reconhecidas graças aos seus grandes telhados cônicos, que se prolongam “quase até ao sol”. A casa tem somente um compartimento sem divisões. Se existir uma varanda fechada em torno da casa, esta pode estar dividida em quatro partes. A casa dos Fulas nunca tem janelas, a ventilação faz-se através das portas e das paredes quando essas são construídas em bambu.



- 1 CHEFE DA MORANCA COM A SUA MULHER
- 2 CHEFE DA MORANCA [EM CONSTRUÇÃO]
- 3 RAPAZ DO CHEFE
- 4 IRMÃO MAIS VELHO DO CHEFE
- 5 MULHER DO IRMÃO
- 6 FILHO DO CHEFE COM AS SUAS 2 MULHERES E CRIANÇAS
- 7 RAPAZ DO CHEFE
- 8 MULHER DO CHEFE COM CRIANÇA
- 9 COZINHA

- a CERCO, DUCHE
- b RETRÊTE
- c POÇO
- d ASSEITO - DIURÉ
- e ESTRADO COM GÊNEROS
- f ESTRADO COM CESTOS - SILO

- A MANGUEIRA
- B ACÁCIA
- C PALMEIRA
- D LARANJEIRA

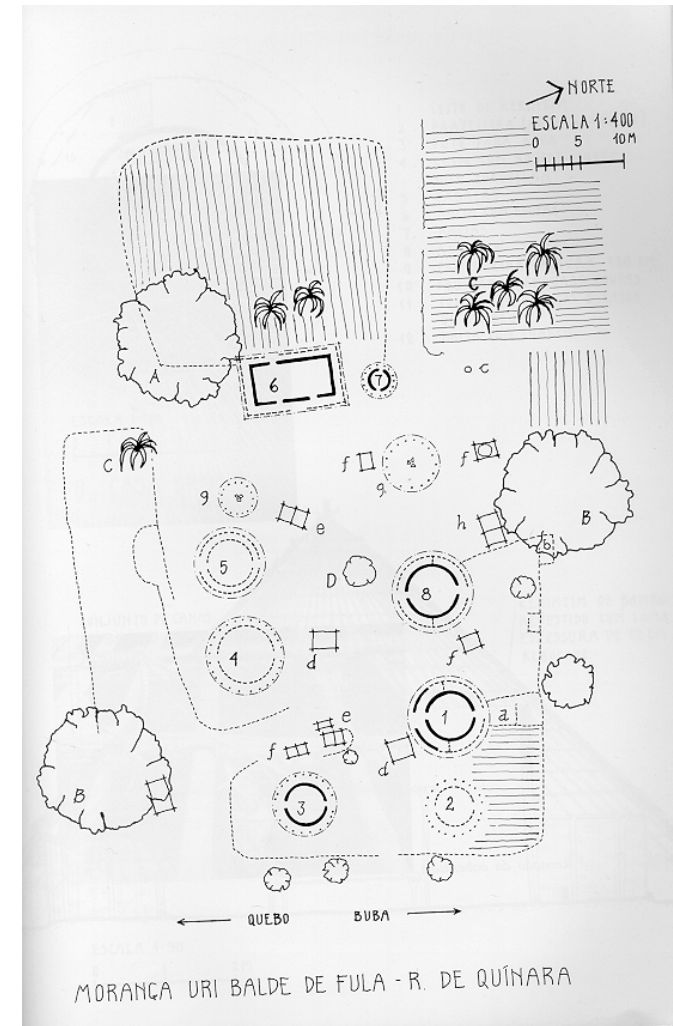


Fig. 8 - Fonte "Arquitectura Tradicional da Guiné-Bissau" – Blazejewicz, Lund, Schonning – Estocolmo, 1981



Construção

O principal material de construção é o bambu que se usa nas paredes e para a armação do telhado usa-se traves de palmeira (cibes). Essa armação cobre-se depois com terra no caso das paredes, e com palha, no caso do telhado. Usa-se madeira, de preferência pau-sangue ou pau-incenso, para as estacas da varanda e para as portas. Tanto o bambu como a madeira são recolhidos no mato. A terra apanha-se no lugar da obra. Todo o processo de construção inicia-se marcando um círculo de aproximadamente 5m de diâmetro no solo.

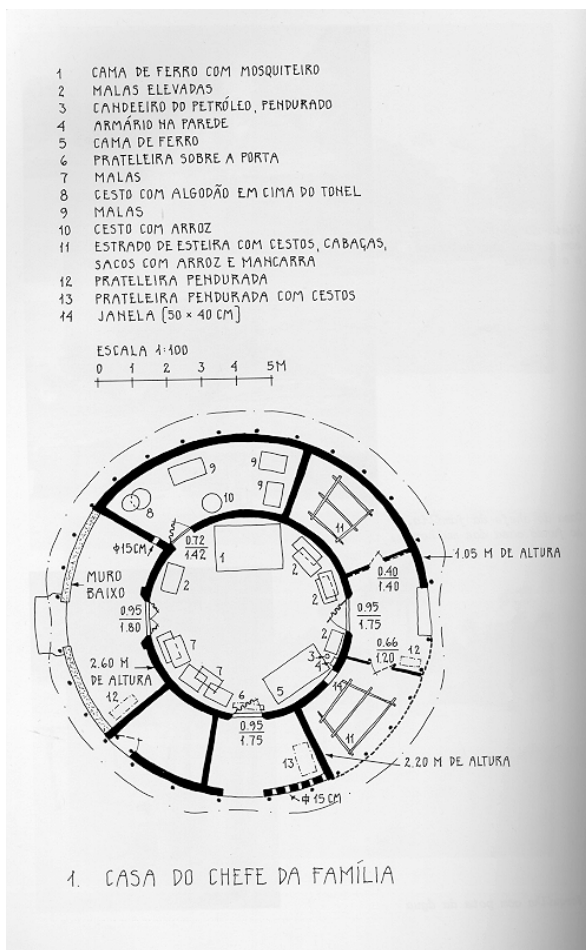
Constructores

Cada família constrói as suas próprias casas. Os homens juntam material e constroem as armações. As mulheres rebocam e pintam as paredes e o chão. O tempo de construção varia de 15 dias a 1 mês, dependendo da habilidade dos construtores. De uma maneira geral constrói-se entre os meses de Janeiro e Março. Nesse período já foi feita a colheita, mas ainda não se deu início à nova sementeira. Nenhuma construção é feita no mês que corresponde ao Ramadão no calendário islâmico.

Lugar

Antes do início das obras para uma casa ou uma morança o lugar escolhido é aprovado e abençoado pelo dignatário religioso da tabanca. É frequente escolher-se um lugar nas proximidades da morança dos pais do homem. O lugar deve preferencialmente ser plano e ter água nas proximidades.





Casa de etnia Fula no Bairro do Quelélé

*Fig. 9 - Fonte : "Arquitetura Tradicional da Guiné-Bissau"
 Blazejewicz, Lund, Schonning – Estocolmo, 1981*



OS PAPÉIS

Papel é um dos povos da região costeira, sendo um dos grupos étnicos importantes do país contando 10% da população total.

Os Papéis são parentes próximos dos grupos Brâme e Manjaco. E tal e qual estes últimos, eles são animistas.

Os Papeis habitam sobretudo a região de Bissau.

A paisagem é caracterizada pela savana/pomar onde o poilão, aibe, a mangueira e outras árvores frutíferas são as dominantes.

A ocupação principal é a agricultura e os campos de arroz de uma tabanca estão todos juntos, embora cada família tenha a sua parte e não exista nenhum tipo de agricultura colectiva, mas sim trabalho de entre-ajuda nas épocas de maior necessidade de mão-de-obra.

A população e a morança

O tamanho das moranças depende exclusivamente do número de pessoas adultas na família, podendo por isso variar muito. Todos os habitantes de uma morança são parentes entre si.

O terreno onde a morança se localiza é comumente reconhecido e respeitado como propriedade da família.

Além das casas de habitação pode haver nessas moranças uma ferraria, uma casa de Irã e as cozinhas serem separadas.

Ao redor da morança existem pequenos quintais, onde se planta mandioca, batata doce, feijão, inhame, malagueta, tomate, algodão, etc, para as necessidades da família. Os quintais são sempre cercados e às vezes a morança também o é.

A vedação protege as plantações contra os animais selvagens e contra animais domésticos que andem soltos.



- | | | | |
|---|---|----|---|
| A | CASA DO CHEFE DA FAMÍLIA -
HOMEM GRANDE | 1 | LAREIRA |
| B | SALA | 2 | PRATELEIRA |
| B | ARMAZÉM. PORCOS SOB O ARMAZÉM | 3 | POTE DA ÁGUA |
| C | VACA | 4 | ESTRADO |
| B | ARMAZÉM DO CHEFE | 5 | CANDEIRO |
| C | DORMITÓRIO DO CHEFE. NÃO UTILIZADO
POR CAUSA DE ATAQUE DAS TERMITES-
BAGA-BAGA. ACTUALMENTE O CHEFE
DORME NA VARANDA | 6 | ORIFÍCIO Ø 10-15 CM |
| D | CASA DE UM DOS FILHOS CASADOS | 7 | CESTO PENDURADO NA PAREDE |
| d | SALA | 8 | ESTEIRA |
| e | QUARTO DE UMA DAS MULHERES DO CHEFE
COM AS CRIANÇAS | 9 | CINTO PARA SUBIR ÀS PALMEIRAS |
| f | ARMAZÉM. PORCOS E CABRITOS SOB
O ARMAZÉM | 10 | SAÍDA PARA O TECTO |
| g | DORMITÓRIO DE CASAL | 11 | ESTRADO-ALTURA 50 CM
EM CIMA GUARDAM ARROZ |
| E | DORMITÓRIO DE UM DOS FILHOS CASADOS | 12 | CESTOS COM ARROZ |
| F | CASA DE UM DOS FILHOS CASADOS | 13 | CAIXA COM ARROZ |
| h | COZINHA | 14 | POTE |
| i | DORMITÓRIO DE CASAL | 15 | MALAS |
| j | ARMAZÉM. PORCOS E CABRITOS SOB
O ARMAZÉM | 16 | ÁGUA PARA AS GALINHAS |
| k | QUARTO DE UMA DAS MULHERES DO CHEFE | 17 | MALA EM CIMA DA PRATELEIRA |
| L | DORMITÓRIO DAS CRIANÇAS | 18 | REDE DE PESCA |
| m | ARMAZÉM | 19 | CESTOS |
| G | PÁTIO CENTRAL | 20 | BOCADEIRO |
| H | COZINHA | 21 | MALA EM CIMA DO BARRIL |
| | | 22 | TONEIS |

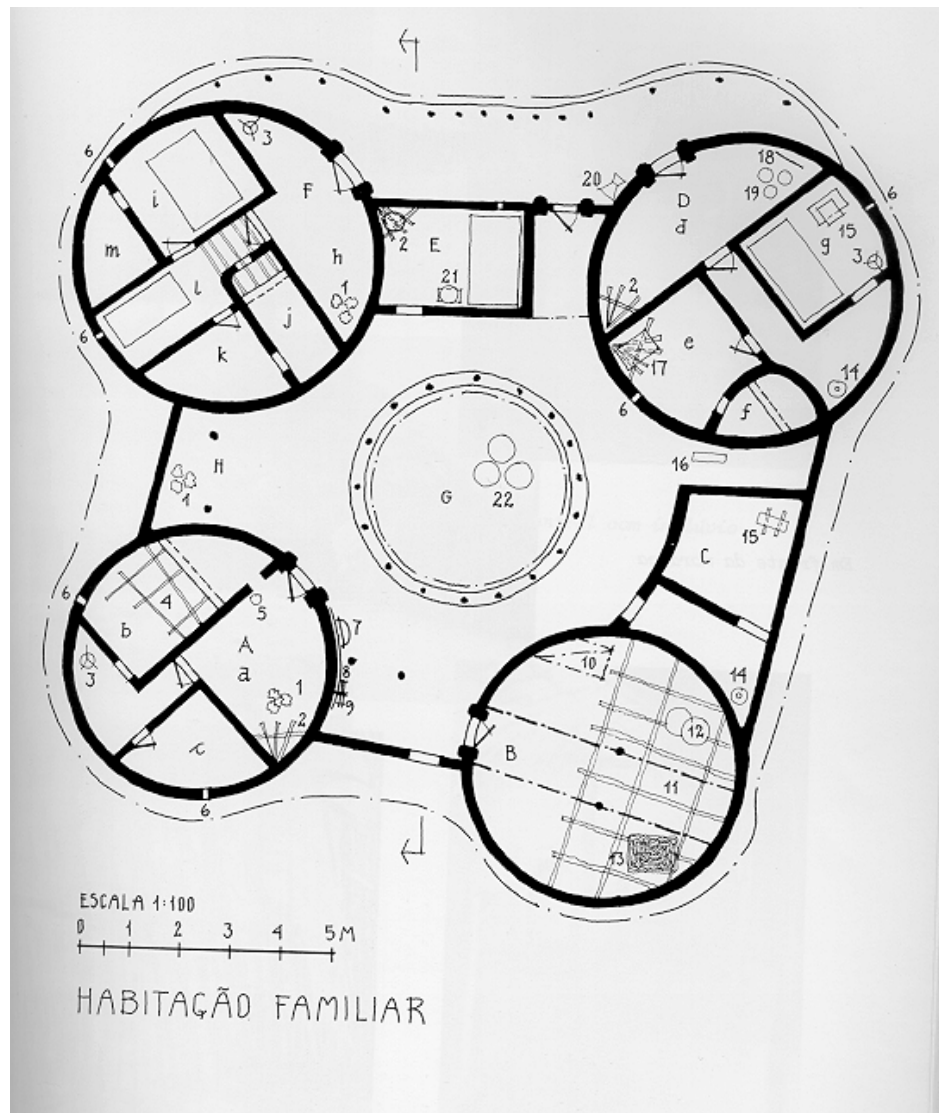


Fig. 10 - Fonte "Arquitetura Tradicional da Guiné-Bissau" – Blazejewicz, Lund, Schonning – Estocolmo, 1981



A Casa

A casa típica do grupo Papel é redonda e dividida em compartimentos menores. As divisões são feitas conforme as necessidades e as fantasias do proprietário. Quando a casa se torna pequena não podendo abrigar mais pessoas ou animais, então constrói-se uma nova casa.

Geralmente a casa tem somente uma porta de entrada a qual se tranca com uma fechadura de madeira. Nas paredes exteriores fazem-se orifícios de 10 a 15 cm, os quais funcionam tanto como iluminação natural, como pontos de ventilação. Durante a noite esses buracos são tapados com palha. Os compartimentos usados para armazenagem de cereais não têm tecto. A ausência do tecto permite a circulação de ar que é necessária para que o arroz aí armazenado não apodreça. Tanto na entrada da casa como na cozinha também não existe tecto. O beiral do telhado é muito acentuado de forma que de um lado da casa se crie uma varanda onde se pode descansar, estando bem protegido do sol. É costume que as mulheres se sentem e façam trabalhos domésticos nessa varanda. O beiral acentuado do telhado constitui também uma protecção efectiva para as paredes de terra, que dessa forma não podem ser atingidas pelas águas das chuvas.



Casa de etnia Papel no Bairro do Quelélé



Construção

O grupo étnico dos Papeis constrói as suas casas de terra, bambu, tarrafe (vegetação que cresce junto a percursos de água conhecida nalgumas regiões como mangal), folhas de sibe e capim. Depois de escolhido um local apropriado desenha-se no chão um círculo de 6 a 8m de diâmetro. É esse círculo que vai dar à casa a sua forma.

Estas casas podem durar algumas dezenas de anos. Para tanto é necessário que:

- o capim do telhado seja renovado todos os anos
- a água das chuvas não destrua as paredes de terra
- as formigas “*baga-bagas*” não ataquem as estruturas de madeira.

Construtores

A casa é em geral construída pelo homem, com a ajuda das mulheres, dos filhos, outros parentes e vizinhos. Aqueles que não podem construir eles mesmos as suas casas ou ainda parte destas (especialmente a estrutura do telhado, que é difícil) podem entregar a construção a pessoal especializado na tabanca.

Nesse caso os especialistas recebem pagamento pelo seu trabalho, ao contrário dos parentes e vizinhos que só recebem de comer e beber.

A preparação do chão é feita geralmente por alguém de fora e que domina a técnica necessária para obter um chão liso, duro e sem rachas.



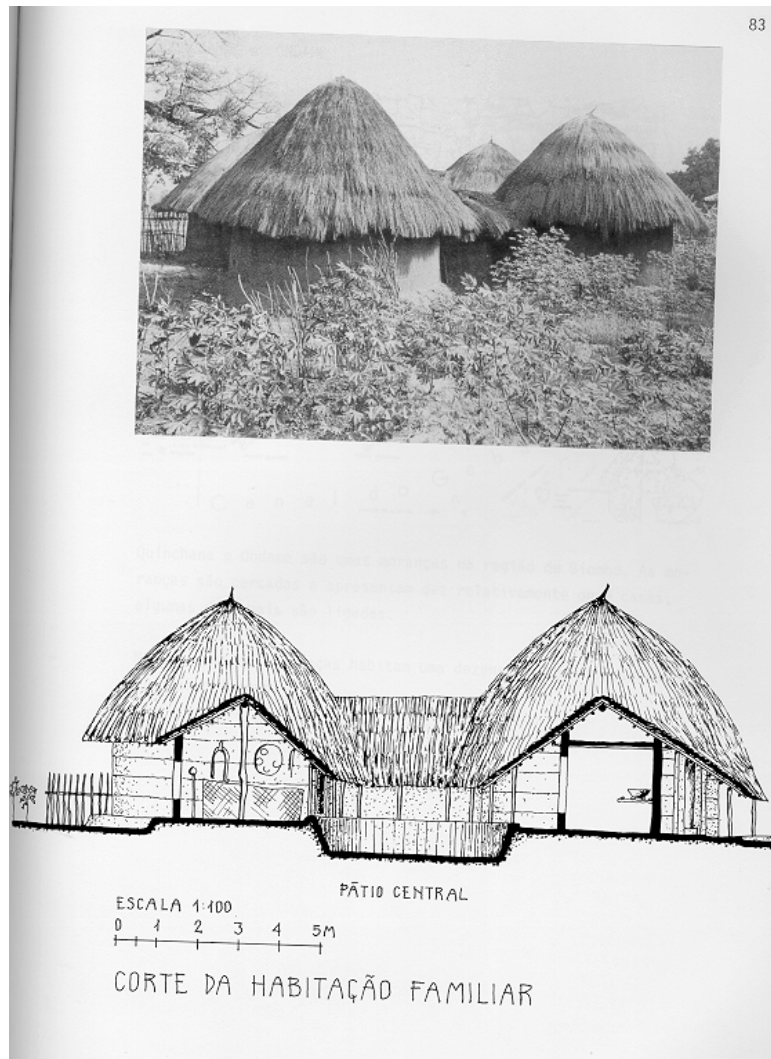


Fig. 11 - Fonte "Arquitetura Tradicional da Guiné-Bissau" – Blazejewicz, Lund, Schonning – Estocolmo, 1981



Justificação da Proposta

OBJECTIVOS GERAIS

A proposta de plano aqui realizada tem o que podemos denominar de objectivos gerais e específicos.

O bairro do Quelélé, com todas as suas características, exige que se estabeleçam prioridades na elaboração deste plano, em função dos problemas detectados e de uma definição de objectivos. Assim, tomou-se como objectivos gerais o ordenamento possível do espaço edificado e vias já existentes, bem como planeamento do espaço a ser construído de raíz ou reconstruído. Tendo em conta que o Quelélé tem uma malha orgânica mas urbanizada, este plano tenta ordenar e organizar toda uma rede viária, repleta de caminhos informais que, pela sua disposição, torna impossível qualquer tipo de orientação.

Além disso, teve-se em conta as características culturais das diferentes etnias que ali habitam e a sua maneira, distinta ou não, de se relacionar com o espaço.

É de salientar que presentemente as pessoas coexistem num mesmo espaço, onde não se deve suscitar qualquer tipo de segregação de nenhuma etnia, nem, por outro lado, criar “ilhas”, isolando cada uma delas. Tanto mais que, como já foi referido na análise, as diferenças exteriores existentes nas habitações são unicamente a nível de pintura e arranjos exteriores.

A sua forma é de uma maneira geral rectangular tendo como padrão duas tipologias e dimensões diferentes, consoante o nível socio-económico da família.

Foi também causa de preocupação a actual distribuição de usos no bairro. Encontra-se no Quelélé uma já referida desigualdade no que respeita à localização de equipamentos, serviços, etc. Os locais, que pela sua função, geram rendimento foram alvo de extrema atenção.

Exemplo disso são as “bolanhas” e as plantações de cajueiros e mangueiros que são essenciais à subsistência da maioria das famílias.



OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

1. Estrutura Viária

Tendo como ponto de referência o eixo principal que divide o bairro em duas metades distintas, planeou-se toda uma rede de vias que, pela sua importância e dimensão, cria uma hierarquia distinta da existente, orientando os diversos fluxos de trânsito para as vias principais ou secundárias e resguardando as vias de acesso local para os moradores.

Como vias principais temos:

- o eixo atrás referido que faz a ligação entre a estrada de Bôr
- e a Av. 14 de Novembro (Bissau / aeroporto),
- a via “estrada da volta” que limita o bairro a norte, a sul e a este,
- as vias que na metade oeste do bairro fazem a ligação ao mercado, à mesquita e ao hospital propostos, às bolanhas, à zona de organizações como a AD, associação de moradores, à rádio comunitária e ao polidesportivo, à escola secundária e à mesquita principal “Medina do Boé”.

Estas vias são facilmente localizadas devido às suas dimensões (8m de largura).

Ainda como vias principais encontram-se, na metade Este do bairro,

- a via que faz a ligação entre o eixo principal e a zona de equipamentos propostos (centro de saúde, escola primária, centro de jovens, campo de jogos), as bolanhas e a plantação proposta de cajueiros e mangueiros
- e outra via, mais a norte, que estabelece a ligação entre o já referido eixo principal e o mercado e uma área de bolanha.



É de referir que esta via é de extrema importância visto ser ao longo dela que se encontra o comércio de rua efectuado por mulheres e crianças. Hierarquicamente inferiores, encontram-se as vias secundárias que no Quelélé se identificam por serem vias, na sua maioria, perpendiculares ao eixo central / principal, estabelecendo a ligação entre este referido eixo e as vias locais, que por sua vez farão a ligação com as zonas habitacionais.

Estas vias secundárias têm uma dimensão que ronda os 6 a 7 metros de largura, sendo superiores às vias locais que têm uma dimensão que varia entre os 6 a 4 metros. Saliente-se que estas referidas vias locais têm o intuito unicamente de possibilitarem o acesso às habitações, e não o de estabelecer ligações com outras vias. É verdade que muitas destas vias são caracterizadas por uma dupla entrada / saída, mas este facto deve-se especialmente a questões de segurança. Tornar-se-ia bastante imprudente planejar vias de acesso a zonas habitadas com dimensões reduzidas e que, no caso de algum imprevisto ou acidente, não possibilitassem o acesso a essas mesmas zonas.

Ainda em questões de rede viária, o único parque de estacionamento que está planeado localiza-se no hospital por questões óbvias.

Este parque tem uma capacidade para 54 automóveis. Esta opção deve-se à realidade do Quelélé, onde praticamente ninguém possui automóvel. Os automóveis que transitam no bairro normalmente pertencem a organizações, a pessoas com um maior nível de rendimento, ou simplesmente transportes colectivos (toca-toca, táxi, etc).

O nível de vida do guineense médio não permite que tenha automóvel próprio.

Com o evoluir do país e da sua economia, será possível que essa situação tenda a alterar-se e é por isso que, de uma maneira geral, todas as zonas habitacionais têm acessos que possibilitem o trânsito automóvel.

Para finalizar a descrição viária, resta salientar que tanto nas zonas destinadas a equipamentos como as zonas de bolanha – e, de uma maneira especial, os mercados - possuem zonas destinadas a carregar e descarregar pessoas ou mercadorias.



2. Malha Urbana e Parque Habitacional

A projecção da rede viária com esta disposição leva-nos ao objectivo subsequente e deveras importante que será a morfologia que toda a massa edificada tomou com especial destaque para as zonas habitacionais.

Todas estas zonas têm formas diferentes mas com uma mesma leitura, isto é, apesar de possuírem uma forma orgânica, transmitem às pessoas que ali habitam a mesma sensação. Todos os pequenos eixos que existem nestas zonas, tenham eles um desenho urbano mais formal ou informal, conduzem sempre a um largo ou pequena praça, local comum a todas as pessoas, aproximando-as umas das outras, tanto fisicamente como emocionalmente.

Este, será sem dúvida, um dos pontos mais importantes deste plano.

São, aqui, tidas em conta todas as questões étnicas e tudo o que daí advem e que já foi referido. Na sua maior parte, as etnias tinham como tradição construir as suas “moranças” com tal forma que permitisse haver um espaço comum a todos, preferencialmente situado no interior e centro desta. Esse local permitia que se desenvolvesse um contacto permanente entre todos os habitantes. É este “contacto” entre os moradores que este plano tenta desenvolver, independentemente das etnias. Muitas vezes, o centro desse espaço está simbolizado com a existência de um ponto de abastecimento de água ou de um “Poilão”.

Será, sem dúvida, o local de encontro e reunião da população.

Acrescido a toda esta preocupação, esteve o facto de fazer a ligação entre a malha urbana existente e a proposta. Tentou-se regularizar o mais possível, estabelecer vias de acesso local, delimitando eixos e ordenar espaços centrais, que, mais uma vez, fossem local de encontro e reunião da população. Se, no caso de um planeamento de raiz, provocar este tipo de situações é relativamente possível, neste caso, onde a malha já se encontra pré-estabelecida, torna-se mais difícil. É na tentativa de alcançar este objectivo que se prevê a demolição de 56 edifícios (mencionados na planta nº 12), possibilitando a criação de eixos e largos, criando um conjunto harmonioso para algumas zonas habitacionais. É de referir que em todos os casos de demolições foram construídas nas proximidades dessas áreas novas habitações, realojando as famílias que eram moradoras nas habitações a demolir.



3. Materiais de Construção

Todas as habitações propostas utilizam materiais que tentam promover o conforto dos moradores, articulando materiais locais com outros importados.

As paredes interiores e exteriores são construídas em blocos de adobe, proporcionando uma temperatura média durante o ano bastante tolerável, além deste material ser fabricado pela população, o que o torna mais acessível monetariamente.

O telhado continua a utilizar “cibes” como sustentação para chapas de zinco. O zinco substituirá em parte a palha por duas razões:

- 1º, não será necessário mudar a chapa de zinco com a regularidade que se substitui a palha, visto esta apodrecer ao fim de 2 anos
- 2º, em caso de acidente, o zinco não será inflamável como a palha, situação em que a habitação e o seu conteúdo ficam completamente destruídas e deram no passado origem a incêndios que alastraram a outras habitações.

Mas a palha continuará a servir de cobertura ao zinco permitindo que a habitação não atinja temperaturas elevadas no seu interior, desvantagem própria do zinco. Assim, salvaguardar-se-á as pessoas e a habitação do risco de incêndio, mantendo uma temperatura amena.

Esta sobreposição de materiais, que é pouco utilizada, será no nosso entender, uma solução facilmente aplicável e francamente favorável à melhoria do bem-estar dos habitantes do Quelélé.

Como materiais-base para uma casa resta salientar as janelas e as portas que serão de madeira, visto o valor monetário não ser elevado. Vai ser construída uma rede canalizada de escoamento de águas residuais, que permitirá resolver um dos grandes problemas do bairro a curto prazo.

Este objectivo será desenvolvido quando se fizer referência a questões de saneamento.

As habitações terão em média uma área de implantação de 180m², elevando a média actual que é de 130m².

Isto deve-se ao facto de haver um agregado familiar médio extremamente numeroso (12 pessoas por habitação).

Com estas morfologias e tipologias, tenta-se olhar e planear o Quelélé como um todo, motivando o desenvolvimento de relações entre as pessoas.



4. Equipamentos

No que respeita a equipamentos, já foi referido que havia uma nítida desigualdade na distribuição destes ao longo do bairro. Foi essa desigualdade que se tentou colmatar com a criação de novos equipamentos em zonas que até aqui carenciadas destes.

Assim, a principal medida a tomar foi a construção de um novo mercado junto à “bolanha”, no extremo oeste do bairro.

Esta medida tornava-se imperativa com o desenvolvimento da análise, devido à localização do único mercado ser no extremo Este do bairro, que obrigava as pessoas a grandes deslocações para se abastecerem.

Além disso, fazia todo o sentido a criação deste equipamento numa zona onde se situam organizações, escolas e um polidesportivo, que, só por si, já são pólo de atracção da população.

Como a maioria da população do bairro é de origem muçulmana, verificou-se que seria viável a construção de uma mesquita junto a este e aos outros equipamentos que já foram referidos. É necessário referir que as pessoas que têm como religião o Islamismo necessitam de fazer rezas cinco vezes durante o dia. Com toda a movimentação e também a permanência de pessoas que este tipo de equipamentos impõe e ainda devido ao facto de a localização da mesquita mais próxima ser bastante elevada planeou-se a construção de uma mesquita. Nas proximidades destes equipamentos, mais concretamente a Este destes, projectou-se um hospital.

Como já foi referido, o Quelélé era assistido por um grande centro de próteses que continha no seu interior um hospital. Tudo isto ficou destruído na guerra de 98-99. Esse hospital era de pequenas dimensões mas, em conjunto com o pequeno centro de saúde e com o hospital da cidade, as dificuldades de sobrelotação eram de uma maneira ou de outra colmatadas com a distribuição dos doentes pelas diversas instituições. De um momento para outro, tanto o Quelélé como a cidade de Bissau em geral, viram-se desfalcadas deste tipo de equipamento.

Hoje, só funciona o pequeno centro de saúde e o hospital Simão Mendes, hospital principal de Bissau, funciona em condições muito precárias.



Face a estes factos, planeou-se um hospital que pelas suas dimensões colmatará algumas das necessidades e terá como principais utentes os moradores, tanto do Quelélé como dos bairros circundantes, aliviando de alguma maneira a sobrelotação que se vive no hospital Simão Mendes e no actual centro de saúde. Em relação ao outro conjunto de equipamentos propostos na metade Este do bairro, este tem como principal objectivo servir toda aquela zona do bairro, totalmente carenciada daquele tipo de infraestruturas. A densidade habitacional é elevada, o número de jovens e crianças é maioritário em relação às outras classes etárias e, portanto, considerou-se que a actual distribuição de equipamentos de lazer não era adequada.

Criou-se, assim, uma escola primária com dimensões generosas, um centro de jovens, um campo de jogos e um centro de saúde.

A escola primária deve-se aos diversos factores que foram referidos na análise, que vão desde a inexistência de infraestruturas para tal, até à necessidade da existência de um local seguro e adequado para as crianças aprenderem e brincarem.

O centro de jovens está directamente ligado com a proposta de um campo de jogos.

Não será viável que toda a camada jovem da população cada vez que se queira reunir ou confraternizar, tenha que se deslocar ao outro extremo do bairro, devido a só ali se encontrarem espaços de lazer. Tenta-se assim criar um local onde, devido à natureza dos equipamentos, se relacionem adultos e crianças num mesmo objectivo - gozar da existência de espaços de lazer.

Além disso prevê-se a existência de um centro de saúde local, pois como já foi referido, com a quase inexistência de unidades hospitalares, o hospital proposto será unicamente para, em parceria com o hospital Simão Mendes, dar vazão aos casos mais graves do Quelélé e bairros circundantes. Assim, este centro de saúde servirá a população local nos chamados casos do dia a dia, onde a gravidade do doente é geralmente bastante menor e não necessitará de recorrer ao hospital, permitindo que este último seja utilizado só em casos que o justifiquem. Com esta redistribuição de equipamentos, pretende-se criar um equilíbrio a todos os níveis no bairro. Esta foi uma das principais preocupações a levar em conta aquando da concepção deste plano.



5. Actividades Económicas - Bolanhas, Plantações

Outro ponto muito importante deste plano respeita às actividades económicas e ao local onde se produzem bens de primeira necessidade. Esses locais são em primeira instância as “bolanhas” e as plantações de cajueiros e mangueiros. Pretende-se reforçar esta componente, já que ambas têm uma importância vital na economia do bairro e na alimentação das famílias. Isto porque as bolanhas são locais de cultivo de arroz – base da alimentação da população – e junto a elas desenvolvem-se pequenos campos de horticultura. Segundo o último recenseamento, cada guineense come em média por dia 400 gramas de arroz.

No caso dos cajueiros e mangueiros, eles têm dupla função, isto é, durante a época de carência de arroz as crianças praticamente só se alimentam destes frutos e, ao mesmo tempo, apanham-nos com o fim de os venderem e assim serem fonte de rendimento. É por estas razões que não só se prevê a preservação das bolanhas e das plantações de cajueiros e mangueiros como se propõe uma plantação deste tipo de árvores de fruto na metade Este do bairro.

A localização desta plantação justifica-se mais uma vez devido à má distribuição existente deste tipo de fonte de rendimento. Assim, e contrabalaçando com a localização actual da plantação existente a noroeste, propõe-se uma plantação a sudeste fazendo a fronteira entre duas bolanhas e outra entre a zona habitacional limítrofe e o conjunto de equipamentos propostos.



6. Distribuição de Água e Saneamento

Para finalizar há que fazer menção a dois problemas actuais gravíssimos. São eles a distribuição de água e a falta de sistema de escoamento de águas residuais.

No que se refere à distribuição de água, actualmente, como já foi referido, essa é feita de forma muito precária. De uma maneira geral é efectuada através de poços privados ou públicos sem qualquer tipo de tratamento da água. Assim, enquanto não for possível instalar uma rede de abastecimento de água canalizada, prevê-se a abertura de 31 furos com bombas de água manuais (seria imprudente instalar bombas eléctricas visto a electricidade não ser recebida na maior parte do Quelélé e, onde chega, é com bastante irregularidade e devido também aos elevados custos deste tipo de energia para o rendimento médio dos moradores. Cada um destes furos abasteceria 37 habitações criando assim uma “rede” de pontos de abastecimento de água. A filtragem da água ficaria assegurada com um filtro instalado no interior da bomba, filtro este que teria que ser alvo de manutenção periódica.

No que respeita ao escoamento de águas residuais, a situação é mais complicada, isto porque neste momento a situação que caracteriza o bairro é bastante precária. Este escoamento é realizado através de poços absorventes com latrinas, com toda uma série de inconvenientes já referidos. De todos os sistemas estudados e previstos, nenhum se adequa tão razoavelmente como um sistema inovador que está actualmente a ser experimentado na Índia, numa situação com características próximas destas. Infelizmente, a bibliografia sobre este sistema é extremamente escassa e as informações que se obtêm através da internet são demasiadamente generalistas, sem fornecerem pormenores técnicos indispensáveis. Como complemento desta informação resta referir que este sistema foi premiado recentemente pelo PNUD, no quadro do programa HABITAT. Assim, e sem recorrer a um sistema que seria uma mais valia, mas irrealista neste momento, planeou-se primariamente um sistema de fossas sépticas, em que cada fossa fosse provida de uma câmara de decantação e outra de fermentação. Estas fossas seriam de grandes dimensões e num total de 37. Assim, cada uma serviria 31 habitações, criando duas “redes” de esgotos que, com o auxílio da topografia do terreno, cada uma delas tenderia em direcção às bolanhas, passando primariamente por uma estação de tratamento. Só com este tratamento prévio é que seria fiável escoar este tipo de águas para locais de cultivo como são as bolanhas, sem correr o risco de as contaminar.



7. Sistema de Recolha de Lixo

Ainda relacionado com o ponto anterior, há que mencionar a falta de sistema de recolha de lixo. Planeou-se continuar com o projecto já iniciado e que actualmente se encontra parado e que foi levado a cabo por iniciativa da ONG AD e da Associação de Moradores, já foi referido. Como se sabe, este projecto consiste em sensibilizar as pessoas para depositarem o lixo em sacos ou outros recipientes e depositá-los em locais previamente estabelecidos, onde um camião se encarregará de os recolher. Este método, articulado com a rede de escoamento de águas residuais e com a melhoria significativa das vias, contribuirá significativamente para minimizar um dos piores problemas que afectam este bairro – os riscos de cólera, que afectam principalmente em crianças, na época das chuvas, quando o lixo depositado no meio das vias, juntamente com o escoamento das águas residuais a céu aberto e com o aumento dos níveis das águas no tempo das chuvas, fazem com que as vias sejam autenticamente focos de doença.



QUADRO DE USOS

	<i>Habitação</i>	<i>Equipamentos</i>	<i>Bolanhas</i>	<i>Plantações</i>
<i>Existente</i>	784 => 101.920 m2 Ai	16 => 20381 m2 Ai	87.350 m2	84.870 m2
<i>Proposto</i>	376 => 67.680 m2 Ai	7 => 14050 m2 Ai	--	22.100 m2
<i>Demolidos</i>	56 => 7.280 m2 Ai	--	--	--

IUB - 0.16 - Refira-se que o IUB no Plano Geral Urbanístico de Bissau não é considerado.

<u>Equipamentos</u>	<i>Mercado</i>	<i>Hospital</i>	<i>Centro Saúde</i>	<i>Esc.Primárias</i>	<i>Esc.Sec.</i>	<i>Campo Jogos</i>	<i>Centro Jovens</i>	<i>Mesquitas</i>
<i>Existente</i>	4.366 m2 Ai	--	130 m2 Ai	8 => 1.040 m2 Ai	12.960 m2 Ai	2 => 1.246 m2	228 m2 Ai	2 => 411 m2 Ai
<i>Proposto</i>	6.700 m2 Ai	1.800 m2 Ai 3.600 m2 Ac	300 m2 Ai	300 m2 Ai	--	4.320 m2	150 m2 Ai	480 m2 Ai



Análise Económica

A análise económica aqui apresentada tem como objectivos dar uma estimativa do custo monetário do plano no seu global, como pretende transmitir o valor actual de cada um dos materiais na Guiné-Bissau. Todos os valores foram fornecidos por entidades ligadas ao MOPCU estando desde já garantida a sua fiabilidade.

A presente análise refere-se ao custo total no que respeita a áreas de intervenção onde a construção foi de raíz, a toda a estrutura viária e relativamente às edificações já construídas tomou-se em conta a penas a substituição dos materiais do telhado (palha por zinco) e as obras de canalização afim de melhorar o sistema de escoamento de águas residuais.

Moeda Guineense

Actualmente a moeda guineense denomina-se por “CFA” em substituição do antigo “Peso guineense”.

Ao câmbio actual 1 CFA corresponde a 0.333 escudos portugueses.

Para facilitar, efectuaremos o câmbio em sentido inverso onde 1 escudo português corresponde a 3 CFA.

Materiais de Construção - Preços Actuais

- blocos de adobe (custo unitário) - 200 CFA = 66 \$
- chapa de zinco de 2 metros (custo unitário) - 4 500 CFA = 1 500 \$
- cibes (1 racha) - 2 500 CFA = 833 \$
- porta com aro em madeira - 70 000 CFA = 23 333 \$
- janela em madeira - 35 000 CFA = 11 666 \$



- cimento para chão - 4 500 CFA = 1 500 \$
- poço - 150 000 CFA = 50 000 \$
- cimentação à volta - 35 000 CFA = 11 666 \$
- bomba manual - 750 000 CFA = 250 000 \$
- fossa melhorada - 500 000 CFA = 166 666 \$
- canalização de uma casa sem sanitários e lavatórios - 750 000 CFA = 250 000 \$
- custo de 1 Km de estrada alcatroada com 6m de largura - 120 000 000 CFA = 40 000 000 \$
- preço por m2 de terreno no Quelélé - 8 000 CFA = 2 666 \$
- preço de licença de construção precária - 250 000 CFA = 83 333 \$
- custo unitário de planta de mangueiro e de cajueiro - 1 500 CFA = 500 \$

Custos Globais

Custo de construção de um edifício / habitação com uma área de 180 m² Ai:

- 4 000 blocos de adobe - 800 000 CFA = 266 666 \$
- 140 rachas de cibe - 350 000 CFA = 116 666 \$
- 130 chapas de zinco (2m) - 585 000 CFA = 195 000 \$
- 2 portas de madeira - 140 000 CFA = 46 666 \$
- 6 janelas de madeira - 210 000 CFA = 70 000 \$
- cimento para chão - 4 500 CFA = 1 500 \$
- canalização sem sanitários e lavatórios - 750 000 CFA = 250 000 \$
- preço por 180 m² de terreno - 1 440 000 CFA = 480 000 \$



- licença de construção precária - 250 000 CFA = 83 333\$

Custo total de construção - 4 529 500 CFA = 1 509 833 \$

Custo de construção total do edificado consoante os usos:

- obras de canalização e alteração de materiais em telhado no edificado já existente (784 edifícios) - 458 640 000 CFA = 152 880 000 \$

- custo de construção de novas edificações habitacionais (376 edifícios) - 1 703 092 000 CFA = 567 697 333 \$

- custo de construção de equipamentos propostos - 319 581 388 CFA = 106 527 129 \$

Custo de construção total de pontos de abastecimento de água e saneamento:

- 31 poços com cimentação à volta - 5 735 000 CFA = 1 911 666 \$

- 31 bombas manuais de água - 23 250 000 CFA = 7 750 000 \$

Custo total de construção de pontos de abastecimento de água - 28 985 000 CFA = 9 661 666 \$

- 37 fossas sépticas melhoradas - 18 500 000 CFA = 6 166 666 \$

Custo de construção total de estrutura viária:

- para uma extensão de aproximadamente 20 km com uma largura média de 6m - 2 400 000 000 CFA = 800 000 000 \$

Custo de plantação de cajueiros e mangueiros:

- 400 árvores de fruto - 600 000 CFA = 200 000 \$



Valor a retirar ao custo total:

- 191 habitações ficaram destruídas mas aos seus proprietários pertence-lhes os terrenos correspondentes.

Assim estas pessoas não devem pagar nenhum valor pelo terreno que por lei já lhes pertence, pagando apenas o diferencial de terreno que será de 50 m2 visto o plano prevê como área média de implantação 180 m2 e os custos referentes à construção da habitação (materiais, licença de construção).

- valor total a retirar (para 191 situações) - 76 400 000 CFA = 25 466 666 \$

Custo total da implementação do plano:

- 4 958 383 388 CFA = 1 652 794 462 \$

-valor a retirar ao custo total - 76 400 000 CFA = 25 466 666\$

Custo Final - 4 881 983 388 CFA = 1 627 327 796 \$



Modelo de Gestão

O modelo de gestão apresentado tem de tomar em conta os seguintes elementos:

- o país não dispõe de fundos do Orçamento Geral do Estado ou de um Plano de Investimentos Públicos que possa atribuir a este tipo de obras;
- existem um conjunto de instituições públicas que tem institucionalmente responsabilidades por intervenções deste teor;
- existem várias características da intervenção popular tradicional na construção de habitações e no ordenamento das zonas onde vivem que devem ser respeitadas;
- existem também organizações populares de configuração mais urbana e moderna que procuram ter alguma acção também nessa área;
- as organizações internacionais recorrem em geral a unidades de gestão expressamente criadas para gerir um programa de aplicação de fundos externos.

Assim atendendo a esses elementos a proposta que parece mais prudente e realista é de:

- Recorrer aos programas de fundos internacionais que ajudam o país seja dos países mais desenvolvidos (cooperação bilateral) seja dos departamentos especializados das instituições internacionais (Banco Mundial, PNUD, etc.).
- Criar uma Unidade de Gestão, integrada na Câmara Municipal de Bissau, com esses fundos e dedicada exclusivamente a pôr em prática o Plano.
- Criar um Conselho de Parceiros que fará a supervisão do Plano e analisará os progressos e a actuação da Unidade de Gestão, composto pela Câmara, o Ministério do Equipamento Social, os Financiadores Internacionais, a Associação de Moradores e a ONG Acção para o Desenvolvimento.

O cálculo de custos, feito em pontos anteriores, não inclui o funcionamento de uma unidade deste tipo, mas serve como parte base para os documentos a apresentar a organizações internacionais para obter fundos.



Regulamento

Esboço de Regulamento

⇒ *Plano de Urbanização de Quelélé - Bissau*

Título I **Disposições de Natureza Administrativa**

Artº1

Objectivo e Âmbito

O Plano de Urbanização de Quelélé - Bissau corresponde a uma intervenção urbanística na área referida e tem como especial objectivo estabelecer regras a que deverá obedecer uma nova ocupação espacial e urbana, assim como definir as normas gerais de gestão urbanística a utilizar na implementação do plano.

No conteúdo deste regulamento, o Plano de Urbanização de Quelélé - Bissau designar-se-á por PUQB.

Artº2

Enquadramento

Segundo o Plano Geral Urbanístico de Bissau (nas cartas de ordenamento e regulamento respectivos), o PUQB insere-se na Unidade de Ordenamento (UNOR) nº 91, 92 e 93.



Artº3

Localização

O presente regulamento é aplicável à área abrangida pelo plano de urbanização cuja área de intervenção se encontra definida na Planta de Situação Actual.

Artº4

Conteúdo

O PUQB é constituído pelos seguintes elementos:

1- Fundamentais:

- a) Planta de Implantação / Síntese (1: 2000);
- b) Planta de Situação Actual (1: 2000);
- c) Planta de Usos (1: 5000);
- d) Regulamento;

2 - Complementares:

- a) Relatório;
- b) Planta de Enquadramento (1: 12 500);

3 - Anexos:

- a) Peças desenhadas:
 - a1) Planta de Localização (1: 50 000);
 - a2) Planta de Situação Anterior à Guerra (1: 5000);
 - a3) Planta de Áreas Afectadas pela Guerra (1: 5000);



- a4) Planta de Usos Predominantes (1: 5000);
- a5) Planta de Hierarquia de Vias (1: 5000);
- a6) Planta de Gestão Administrativa (1: 5000);
- a7) Planta Hipsométrica (1: 5000);
- a8) Planta de Declives (1: 5000);
- a9) Planta de Demolições (1: 5000);
- a10) Planta de Corte A,A' (1: 2000);
- a11) Planta de Corte B,B' (1: 2000);
- a12) Planta de Pormenor de um Largo (1: 500);
- a13) Planta de Pormenor de um Largo (1: 200);
- a14) Planta de Saneamento (1: 2000);
- a15) Isometrias SW e SE (1: 2000);
- a16) Isometrias NW e NE (1: 2000);

Artº5

Vinculação

1 - As disposições do regulamento são de cumprimento obrigatório nas reacções entre os diversos níveis de administração pública, central, regional, local e, entre esta e os administrados.

2 - Os licenciamentos, aprovações e autorizações previstas neste regulamento, devem ser entendidos sem prejuízo das atribuições e competência cometidas pela lei às demais entidades de direito público.



Artº6

Hierarquia

O Plano de Urbanização é um instrumento orientador dos planos municipais de ordenamento do território de ordem inferior que vierem a ser elaborados, os quais deverão compatibilizar-se com as suas disposições.

Artº7

Definições

1 - Para efeitos de Regulamento, são adoptadas as seguintes definições:

Parcela - área de terreno, não resultante de uma operação de loteamento, marginada por via, caminho público ou vegetação.

Lote - área de terreno marginado por arruamentos, destinada à construção, resultante do ordenamento licenciado nos termos da legislação em vigor.

Edificado - construção existente ou a construir, susceptível de ter vários usos. Em caso de construção terá que ser objecto de aprovação pela Câmara Municipal.

Área de Intervenção do Plano de Urbanização - área que é o objecto de Plano de Urbanização, que pode abranger uma ou mais categorias de espaço.

Superfície de Pavimento - para os edifícios construídos ou a construir, quaisquer que sejam os fins a que se destinem, é a soma das superfícies brutas de todos os pisos (incluindo as escadas e caixas de elevadores), acima e abaixo do solo, com exclusão de: terraços descobertos; garagens em cave; galerias exteriores públicas; arruamentos ou espaços livres de uso público cobertos pela edificação; zonas de sótão não habitáveis; arrecadações em cave afectas às diversas unidades de utilização do edifício; áreas técnicas acima ou abaixo do solo.

Índice de Utilização Bruto (IUB) ou Coeficiente de Afectação do Solo (CAS) - é a relação estabelecida no presente regulamento entre a superfície máxima de pavimento permitida e a superfície total do solo.



O I.U.B. é calculado pelo quociente entre a superfície de pavimento, excluída a dos equipamentos colectivos, e a superfície de solo a que se aplica de acordo com a respectiva categoria de espaço.

O I.U.B. aplica-se às áreas de equipamentos colectivos, espaços verdes e públicos, e rede viária incluídas na áreas de intervenção do plano, desde que não constituam categorias de espaços específicas definidas na Planta Implantação/Síntese.

Índice de Ocupação ou Coeficiente de Ocupação do Solo (COS) - É igual ao quociente da superfície de implantação pela área total do prédio, da parcela ou do lote, considerando para o efeito a projecção horizontal dos edifícios delimitada pelo perímetro dos pisos mais salientes, excluindo varandas e platibandas.

Cota de Soleira - Cota de nível da soleira da porta da entrada principal do edifício, do corpo de edifício ou parte distinta do edifício, quando dotados de acesso independente a partir do exterior.

Cércea - Dimensão vertical da construção, contada a partir do ponto da cota média do terreno no alinhamento da fachada até à linha superior do beirado, platibanda ou guarda do terraço.

Altura Total - Dimensão vertical da construção contada a partir do ponto da cota média do terreno no alinhamento da fachada, até ao ponto mais alto da construção, à excepção de chaminés, antenas de televisão, pára-raios e similares.

Obras de Construção Nova - Execução de qualquer projecto de obras novas incluindo pré-fabricados e construções amovíveis.

Obras de Reconstrução - Qualquer obra que consista em realizar de novo, total ou parcialmente, uma instalação já existente, no local de implantação ocupado por esta e mantendo, nos aspectos essenciais, a traça original.

Obras de Alteração - Qualquer obra numa instalação existente da qual resulte modificação da sua traça original, designadamente no que respeita:

- a) à natureza ou modo de funcionamento da sua estrutura resistente;
- b) à compartimentação e uso dos espaços.



Obras de Ampliação - Qualquer obra realizada numa instalação existente de que resulte o aumento de qualquer dos seguintes parâmetros de edificabilidade:

- a) Área de Implantação;
- b) Área Bruta de Construção;
- c) Cércea ou altura total de construção;
- d) Número de pisos, acima e abaixo da cota de soleira.

Obras de Beneficiação - Obras que têm por fim a melhoria do desempenho de uma construção, sem alterarem o desenho existente.

Obras de Restauro - Obras especializadas que têm por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua concepção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história.

Obras de Reabilitação - Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até ao próximo dos actuais níveis de exigência.

Obras de Remodelação - Obras que têm como fim a alteração funcional de um edifício ou parte dele sem alterar as suas características estruturais.

Uso Habitacional - Engloba a habitação unifamiliar e plurifamiliar, as instalações residenciais especiais (albergues, residências de estudantes, religiosas e militares) e as instalações hoteleiras.

Uso Terciário - Inclui serviços públicos e privados, comércio retalhista e equipamentos colectivos de promoção privada e cooperativa.

Comércio - Compreende os locais abertos ao público destinados à venda e armazenagem a retalho, à prestação de serviços pessoais e à restauração.

Armazenagem - Compreende os locais destinados a depósitos de mercadorias e/ou venda por grosso.

Equipamentos Colectivos - São os equipamentos de promoção e propriedade pública ou classificados de interesse público que compreendem as instalações e locais destinados a actividades de formação, ensino e investigação e nomeadamente, a saúde e higiene, segurança social e pública, cultura, lazer, educação física, desporto e abastecimento público.



Serviços Públicos - Compreendem as instalações e edifícios do Estado e da Administração Pública.

Projecto de Espacos Públicos - Documento que dispõe sobre a configuração e tratamento pretendido para o Espaço Público, integrando e compatibilizando funcional e esteticamente as suas diversas componentes, nomeadamente áreas pedonais, de circulação automóvel, estacionamento, áreas e elementos verdes, equipamento, sinalização e mobiliário urbano, património, infra-estruturas técnicas, bem como das acções de reconversão ou modificação desse espaço.

TÍTULO II

Disposições Gerais

Artº8

Edifícios Propostos

1 - Implantação - as superfícies de implantação são indicadas nas peças gráficas do Plano.

Artº9

Tipologia da Habitação

O Plano define como categorias de habitações:

-Moradia Tipo A - 150 / 180 m²

-Moradia Tipo B – 180 / 210 m²

Independentemente da sua localização, as habitações terão sempre como limite máximo 1 piso.



TÍTULO III

Disposições Finais

Artº14

Competência

A execução do PUQB compete à Câmara Municipal de Bissau que deverá observar rigorosamente todo o processo evolutivo do plano afim de todas as disposições nele contidas sejam cumpridas.

Artº15

Omissos

Todos os casos omissos que suscitem dúvidas e não estejam contidos no presente regulamento serão resolvidos de acordo com a lei em vigor, nomeadamente no Plano Geral Urbanístico de Bissau.

Artº16

Vigência

O Plano entra em vigor após a sua aprovação e deve ser tornado público através dos órgãos de comunicação social.



Artº10

Rede Viária

Será constituída pelos arruamentos previstos no presente Plano de Urbanização.

A rede viária terá as seguintes características:

Vias Principais - 8m; Vias Secundárias e de Acesso Local – 6 e 4m.

Artº11

Zonas de Cultivo

As Bolanhas devem manter as suas funções agrícolas num espaço temporal de 10 anos após a aprovação deste plano.

Artº12

Infraestruturas Colectivas

- 1- As redes de infraestruturas (águas pluviais, águas residuais, abastecimento de água), devem ser construídas paralelamente às redes viárias.
- 2- É expressamente proibido a construção de latrinas a uma distância inferior a 30 metros de um ponto de abastecimento de água.

Artº13

É expressamente proibido a implementação e / ou construção, quer a nível de edificado quer a nível infraestrutural em toda a área defenida pelo PUQB, que não esteja contemplada no plano.





Adobe - terra utilizada no fabrico de tijolos para construção

Baga-baga - espécie de formiga tipo “térmite”, que devora muito rapidamente quase todos os tipos de madeira normalmente usadas na construção.

Bideiras - mulheres vendedoras ambulantes de rua

Bissau-velho - núcleo histórico de Bissau, junto ao porto, também conhecido como “Bissauzinho”, Bissau Colonial ou Bissau Centro ou Praça.

Bolanha - terreno alagado onde se cultiva arroz

Candongas - transporte colectivo privado, utilizado nas deslocações no e para o interior do país

Capim - mato composto por ervas de altura que vai até cerca de 2m

Casa de Irã - normalmente uma casa-miniatura, construída dentro do cercado da morança e onde são colocados objectos ligados ao culto animista. Pode ser também uma árvore, por exemplo um poilão.

Cibe - palmeira, cujo tronco sob a forma de barrote (“rachas”), é muito usada na construção, porque resiste à formiga baga-baga

Escola Árabe - escola onde se aprende o Corão e a ler e escrever em língua árabe; em algumas aprende-se também noções de matemática, geografia e português em língua árabe (escolas madrassas)

Escolinha popular - escolas privadas de iniciativa de jovens desempregados ou mesmo de professores, que surgem nos bairros como resposta à irregularidade do funcionamento do ensino oficial ou como forma de auto-emprego, em que a população contribui para o salário do professor e funcionamento da escola.

Família alargada - família com mais de um núcleo, com um descendente físico comum

Habitação melhorada - habitação construída com tijolos de adobe reforçado com cimento ou em cujo tecto a palha foi substituída por chapas de zinco e o soalho forrado a cimento.

Irã - força sobrenatural, que se aloja num objecto ou encarna num animal, numa árvore, numa floresta, e ao qual se fazem pedidos de protecção, etc.

Mancarra - amendoim

Morança - conjunto de casas da família alargada, geralmente com um mesmo cercado

Poilão - árvore muito frondosa, considerada como um dos locais principais onde habitam os Irãs

Régulo - autoridade tradicional reconhecida por um conjunto de famílias da mesma etnia

Tabanca - aldeia

Pau-a-pique - técnica de construção, em que a estrutura das paredes é bambú ou algum tipo de madeira, forradas depois com terra de ambos os lados

Tarrafe - vegetação aquática, das zonas ribeirinhas e que as protege da erosão

Toca-toca - transporte colectivo privado nos meios urbanos, reconhecido pelas suas cores azul e amarela



Lista de Acrónimos



AD - Acção para o Desenvolvimento
BC - Balança Comercial
BM - Banco Mundial
BP - Balança de Pagamentos
CMB - Câmara Municipal de Bissau
EAGB - Empresa de Água da Guiné-Bissau
FARP - Forças Armadas Revolucionárias do Povo
FMI - Fundo Monetário Internacional
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
MOPCU - Ministério das Obras Públicas, Construções e Urbanismo
OIT - Organização Internacional do Trabalho
ONG - Organização Não Governamental
PAE - Programa de Ajustamento Estrutural
PAIGC - Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde
PIB - Produto Interno Bruto
PG - Peso Guineense
PGU - Plano Geral Urbanístico
PMBB - Plano Melhoramento dos Bairros de Bissau
PNB - Produto Nacional Bruto
PND - Plano Nacional de Desenvolvimento
PNUD - Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
USD - Dólares Americanos



Bibliografia



“Arquitectura Tradicional da Guiné-Bissau”

Blazejewicz, Lund, Schonning – Estocolmo, 1981

“Guiné Nô Pintcha!”

Jorge Pinto, Manuel Paulo, Paula Duarte – Lisboa, 1999

“Histoire de Mandingue de L’ouest”

Djibril Niane - edit Karthala, Paris, 1989

“Plano Geral Urbanístico de Bissau”

Ministério das Obras Públicas – Direcção de Urbanismo – Bissau, 1993

“Tese de Mestrado – Desenvolvimento participativo na Guiné Bissau”

Anita Fernandes Clemente Sares – Lisboa, 1997



Agradecimentos



Chegado ao fim desta odisséia gostaria de agradecer a algumas pessoas que pela sua participação ou simplesmente opinião contribuíram para este trabalho.

A primeira palavra vai para o Pepito e Isabel, incansáveis na sua luta por devolver à Guiné dias de descanso...

À Maimuna futura especialista em informática e namoradaira.

Ao Tafá, excelente professor e óptimo conversador.

A Mussá, homem de coragem, que teve a gentileza de me fornecer valiosas informações.

A todos eles muito obrigado por partilharem um pouco do seu Quelélé.

Ao meu orientador Arquitecto Fernando Varanda que partilhou comigo situações passadas e soube-me incentivar quando eu já tremia...

Á minha Priminha, companheira incansável e que depois disto vai comigo à Guiné.

Ao meu Avô que me ensinou a regar plantas...

E por fim à Fátinha e ao Carlos que são sem dúvida os meus melhores amigos e que me mostraram ao longo da vida que vale a pena lutar por alguém que está longe...

Ao Óscar, à Maria e ao Ivan que, independentemente do meu estado de espírito, sempre me deram toda a sua alegria...

